

# A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BERTHOLD KLINGER, PANTALEÃO PESSOA e MACIEL DA COSTA

N.º 86

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1920

Anno VIII

## PARTE EDITORIAL

7 de Setembro de 1922

**E**M Fevereiro e Março deste anno, numeros 79 e 80, abordavamos neste lugar o "7 de Setembro de 1922. No Exercito. Na Marinha".

E' natural que no numero deste mez fique novamente em foco a data do centenario da nossa independencia nacional; tanto mais que este anno a habitual azafama dos preparativos para a parada de 7 de Setembro, foi innegavelmente diminuta, apagado talvez o interesse pelo que deve ser reservado para a proxima formatura em homenagem ao regente visitante, a chegar em breve; tanto mais que faltam apenas 2 annos...

Dous annos, apenas, faltam para a comemoração do centenario do Ypiranga e nos parecer, como parecerá sem duvida a todo observador que não seja mais profundamente informado do que a grande massa, que não existe a noção de quanto é curto, na melhor das hypoteses apenas estrictamente sufficiente, este prazo! Curto para ultimação de tudo quanto importaria realizar com sinceridade, isto é, solida e duravelmente, a honra de marcarmos militarmente aquella memèria patria por uma fórma congrua, attestando numa vasta e bella revista de mostra publica, o estado satis-

factorio do nosso apparelho da defesa nacional pelas armas.

«Tudo isso — escreviamos em Fevereiro, referindo-nos ao que é necessario no sentido indicado — parece muito para ser realizado em tão pouco tempo, mas tudo isso talvez seja pouco diante de um homem de resolução e vontade...»

Não vamos aqui reproduzir as summarias considerações que já ali adduzimos, para justificar a importancia proeminente que no plano dos festejos officiaes deve assumir no Centenario o problema militar.

Mesmo porque seria *sangrar-se em saude*: ninguem concebe a ausencia da nota militar em tão alta celebração, todos espontaneamente, naturalmente antevêem, imaginam, cada um a seu modo, a contribuição imponente de massas de homens de farda, armados, a pé e a cavallo, o rodar das carretas da artilharia, o trôar dos canhões de terra e mar, o clangor das cornetas e clarins, vozes de commando, musicas e bandeiras.

Tudo está, porém, em que esta manifestação impressionante não seja méro foguetorio, que, acabada a pyrotechnia official, nada deixe senão a lembrança de algumas centenas de contos consumidas sem residuo e sem proveito...

Para um Governo sabio, para uma Administração esclarecida, a festa não é um fim, é um meio. O fim é intensificar o preparo da defesa nacional e dar uma prova do gráo de exito alcan-



ado neste esforço. A festa é o meio de assegurar a predisposição da opinião pública em favor das despesas a realizar, projectando-as de maneira que permittam aquisições reaes, expressivas, efficientes; e é também um meio, uma oportunidade de prestar contas á Nação, exhibindo as provas palpaveis do bom emprego dos sacrificios a que ella deu assentimento.

A grande massa da população é geralmente avessa, em época de normalidade nas relações internacionaes, de tranquillidade interna, de um modo geral, no dizer da caserna — nas épocas *sem novidade*, avessa a tirar as conclusões que o puro raciocinio impõe inflexivelmente sobre a necessidade do preparo militar do paiz. Ella sempre tem esperanza que a fatalidade da guerra não se produza, ou em todo caso que ella não virá assim tão subita; quando não houver mais outro jeito, então, á ultima hora, tudo se arranjará!

Um Governo forte não se deixa deter por essa aversão ambiente, por esse pseudo-antimilitarismo: faz, não obstante, forte pela razão, o que sabe que na materia é seu dever de officio.

Um Governo prudente, seguro porém de orientação, espera uma oportunidade, ás vezes vae ao ponto de criá-la.

Não ha como um caso concreto, maxime o perigo imminente, para esclarecer todos os pensamentos, ainda os dos mais casmurros pacifistas; então, todas as despesas, todos os sacrificios são consentidos. Ha, porém, sem se chegar a essa extrema concretisação, occasiões propicias a uma melhor intelligencia generalisada do problema militar.

O Governo passado teve semelhante occasião, com a entrada nominal do Brasil na guerra. Deixou-a passar sem tirar o conveniente partido. Jamais a historia lhe apagará esta culpa de lesa-patriotismo.

O Governo actual tem equivalente desejo com o Centenario da Independencia. Ha toda a esperanza de que elle sabera methodicamente utilizal-o.

Ahi está o ultimo relatorio do Sr. Ministro da Guerra, em que se vê officialmente esposada a doutrina domestica, de estado, unica verdadeira, a que a Historia ensina: «Em politica internacional, o valor das nações não reside tanto na missão que hajam de cumprir ou no ideal que propugnem, como na capacidade moral e material que possuam para realizar sua missão ou corporificar seu ideal. Ninguem respeita nem procura a alliança dos fracos. **Para defender um conceito superior da Vida e da Civilisação, cumpre ser forte.** A força consciante e generosa é um polo de atracção.»

Sem exprimir mais nitidamente a nossa «impaciencia das realizações» — que não é só nossa — aqui ficamos. Reportandonos ao que aventamos para as demonstrações militares do Centenario — no de Fevereiro ultimo — como lá, repetimos:

«Esta prova militar é bem modesta e talvez já encontre no espirito dos chefes e do Governo um projecto mais grandioso.» Oxalá!

### Tenente Allatar Martins

Em meio do raid Rio-Buenos Ayres, no qual collaborava, pereceu, victima de um accidente ainda inexplicado, o 2.º tenente Aliatar Martins. Não era elle piloto diplomado; para fazer o raid teve permissão official de seguir como passageiro.

É uma verdade, porém, que o malogrado camarada sonhava com a organização da 5.ª arma em nosso Exercito e se dispunha, para isso, a todos os sacrificios que o seu physico comportava.

Como derradeira prova da sua dedicação ao successo da aviação entre nós — deu sua vida. Seu nome fica inscripto entre os daquelles que passam pela existencia com um ideal util á colectividade.



## Coronel Magalhães Bastos

«A Defeza Nacional», reflectindo o pesar com que o Exercito viu desaparecer o integro coronel Antonio Leite Magalhães Bastos, registra em suas paginas o justo e elevado conceito que esse distincto official soube grangear nos seus 33 annos de serviço.

Como academico foi um modelo. Feito moral perfeitamente definido, intelligencia brilhante, bondade e modestia, eram as qualidades que evidenciou e com as quaes iniciou sua vida de official.

No exercicio da profissão, quer como engenheiro, quer como soldado, confirmou inteiramente o julgamento da Escola. Exerceu escrupulosamente todas as commissões que lhe foram confiadas, foi um auxiliar leal e prestimoso, deu ao Exercito toda a sua intelligencia, toda a sua saúde, toda a sua capacidade de trabalho, que era extraordinaria. Era desses homens raros que vivem dominados pelo dever, que polarisam a confiança de seus superiores, camaradas e subordinados, que não sabem roubar um instante á sua fé e ao seu devotamento profissional.

Entre outros serviços, foi elle um dos principaes elementos na construcção da Villa Militar, onde por alguns camaradas chegou a ser cognominado «Dictionario da Commissão». Ahi teve occasião de receber um grande elogio pelo seu valor technico, pois a fabrica que forneceu todo o vigamento metallico para a construcção da Villa manifestou admiração pelos seus calculos e projectos — onde nada havia a modificar.

Teve justo destaque no Gabinete da administração do Snr. Marechal Caetano de Faria; em seguida, num curto prazo, mostrou assignalados traços de sua passagem na D. A., e, ultimamente commandando o 1.º Batalhão, era uma das melhores esperanças da nossa nascente tropa de engenharia.

Até pouco tempo, Magalhães Bastos seguiu com sua inexcédível modestia, a dizer que seu nome passasse do ambiente militar em que servia. Isto cobra para que lembremos suas qualidades, recordemos que sua morte foi uma perda sensível para o Exercito e a Patria.

## A Retirada da Laguna e Antonio João

Os alumnos da Escola Militar tomaram para si o encargo de perpetuar em monumento a mais brilhante pagina de nossa historia militar — A retirada da Laguna — e um dos mais nítidos exemplos de abnegação e de sentimento do dever militar — o feito do heroe de Dourados, tenente Antonio João Ribeiro.

Até aqui estranhamos que um povo capaz de taes acções se despreoccupasse d'ellas ao ponto de quasi esquecel-as. O tempo na sua illimitada sabedoria, parece, porém, ter guardado o exame e a perpetuação condigna de tão elevados feitos para uma época em que elles pudessem ser mais bem comprehendidos e admirados.

A idéa da Escola Militar é um symptoma do seu progresso.

Tudo leva a crêr que em 1922 os nossos cadetes possam commemorar sincera e conscientemente essas epopéas militares de 1864 e 1867.

Não resta duvida que a Escola Militar formulou assim um dos mais significativos projectos para collaborar nas festas do primeiro centenario da nossa vida politica-independente.

Com certeza o Exercito assim ha de considerar e para a realisação da bella idéa emprestará seu apoio material e moral, mostrando-se digno da tradição que se procura cultivar.

A Commissão Central que tem como presidente de honra o Sr. Coronel Eduardo Monteiro de Barros, e presidente effectivo o tenente Pedro Cordolino F. de Azevedo, funcionará na Escola Militar — Realengo — Rio — e precisa, inicialmente dos retratos do valoroso Antonio João Ribeiro, do Coronel Camisão, do Tenente Coronel Juvencio, Visconde de Tauanay e do abnegado guia Lopes.

Para poder effectuar a trasladação dos restos mortaes desses gloriosos brasileiros que deverão ser encerrados na base do monumento, a commissão pede a permissão de seus descendentes mais proximos.

Nesse sentido esperamos a collaboração dos representantes da «A Defeza Nacional».

No mais felicitamos a E. M. pela brilhante iniciativa e lhe auguramos o mais completo exito.

## Montepio Militar

Continuando os esclarecimentos que prestamos (n.º 85 — pag. 17) respeito ao projecto do Sr. Senador Pires Ferreira — relativo ao montepio militar — chamamos a attenção dos nossos leitores para as correções feitas na segunda publicação, inserta no Diario do Congresso, de 31 de Agosto — n.º 100.



Questão de vital importancia para os militares, requer attenção e collaboraçaõ para que se possa chegar a um resultado satisfactorio.

A propósito, recebemos a seguinte carta: «Consta-me que autoridade de destaque na directoria do Club Militar, sem ouvir os interessados, teve uma reunião com dois deputados e um senador e firmou o infeliz alvitre de fundir o montepio civil com o militar!»

Parece que, sendo assumpto de relevante importancia para o Exercito, somente em assemblea geral poderia ser resolvido.

Nestas condições espero que impugneis semelhante medida, de todo ponto de vista contraria aos nssos interesses.

O montepio civil é uma instituição fallida e não pôde deixar de o ser, porque os seus contribuintes, começam a carreira, geralmente, com idade avançada, não succedendo o mesmo com o montepio militar para o qual contribuimos desde a promoção a 2.º tenente (em média 20 annos). Além disso haverá difficuldades administrativas em uma instituição composta de elementos heterogeneos.

Parece que o projecto Pires Ferreira, publicado com rectificações no Diario do Congresso de 31 de Agosto, resolve plenamente o problema com razoaveis vantagens para o Exercito e para o Thesouro. Pensar de outro modo é afastar o problema desse caminho que lhe foi traçado após meticoloso estudo, é preferir a acção da vaidade, substituir um trabalho idoneo por palavreados sem fundamento, embora com prejuizo dos seus proprios interesses.

A autonomia do montepio militar e as pensões estabelecidas pela tabella da Lei Pires Ferreira são pontos fundamentaes e inalienaveis numa reforma.

Certos de que pugnamos pelos interesses geraes no Exercito, pedimos á «A Defeza Nacional» que tome a si esta importante causa.»

Esta carta serve de base para um estudo do problema.

Surjam os contestadores e faça-se luz em torno do interessante assumpto.

## A nova Escola Militar

### Seus effeitos na tropa

Escrevem-nos do Rio Grande do Sul:  
Presado Capitão.

Esta devia ser longa — relatorio dos exames de recrutas. No entanto, está sendo escripta num intervalo de trabalho.

Estou aproveitando as férias do pessoal para escripturação de fardamento...

Terminamos sabbado os exames do 1.º periodo; fomos felizes nos resultados obtidos. Não deixei entrar em exame um homem pelo aproveitamento nullo que teve.

Além deste foram considerados retardatarios 9 homens, por não terem sido approvados em um dos pontos de exame.

Tres reprovados nos pontos 2 e 5 (tres em cada ponto) e quatro no ponto 6. Como se vê são pontos de instrucção geral — a mais diffi-

cil instrucção quanto á apprehensão pela nossa recruta.

E' tambem, pela natureza do assumpto, de difficil transmissão em exame por um homem inculto ignorante de um lado ou por um que não sabe traduzir ainda para o portuguez (língua que elle ignora não por culpa sua) o que difficilmente conseguiu guardar. Esta instrucção geral, é minha opinião, deve ser diminuida no 1.º periodo e continuada no 2.º, para todos os pontos que se tirar do 1.º, os mais transcendentes para a classe de homens que se recebe ainda. Por informações, o que se passa é o seguinte: ou o soldado sae douto, nestes conhecimentos, cuja instrucção prejudica ás outras por tirar-lhes o tempo, onde os instructores fazem em vez de instrucção, conferencias, sobre os pontos mais bonitos, e conhece o recruta mal a sua função de artilheiro, de conductor, de signaleira, etc., ou os resultados de exame vão além da expectativa em todos os pontos e naturalmente apparecem uns 9 pouco capazes de dizer de cór em exame o que a muito custo conseguiram pegar.

Sou contra o R. I. S. G. em permittir que se reprove gente em assumpto que pôde ser continuado sem prejuizo, sendo o reprovado um habil conductor, um magnifico artilheiro, um já especialista signaleiro.

Sou contra elle tambem por permittir ou não especificar que o ede. do Grupo ou Regimento, etc., reprove um homem, que não sahio bem num ponto de exame, sem ouvir sobre seu aproveitamento e applicação o commandante de bateria, etc.

Nos exames de equitação, signaleiros, artilheria, escola a pé armada e desarmada fomos muito bem.

Na critica feita pelo general após o exame de artilheria, que durou 3½ horas, elle salientou que «parece que os senhores todos se combinaram em seguir a mesma marcha na instrucção: que o que elle viu aqui, já havia visto no 1.º e no 2.º corpos da Brigada.

Certamente o que o Sr. General queria dizer aos que o ouviram, era que o resultado de uma boa orientação está se fazendo sentir por seus effeitos na tropa. A orientação a que elle se havia de referir é naturalmente a dada á instrucção na Escola Militar.

Não sei do resultado das outras armas; é de prever que seja o mesmo.

Parabens pois aos iniciadores deste movimento revolucionario na Escola Militar — os instructores de 1918 e seus auxiliares. Pela nossa situação é que avaliamos a dos nossos antecessores: sahiam da Escola com base apenas para começarem a estudar; faziam-se na tropa. Hoje, chegamos mesmo a affirmar que uma certa coisa se faz assim porque assim o faziamos na Escola; nem se consulta antes o regulamento, porque o ensino da E. M. é o dos regulamentos do exercito!

Parabens da mesma forma aos officiaes cooperadores da ardua lucta pela orientação dada aos nossos estudos na Escola, onde nos eram familiares as suas idéas e os seus trabalhos sobre as armas, e dada aos nossos esforços na tro-



aplicação dos seus regulamentos, coherentes com a doutrina aprendida.  
estão dados desta forma os parabens á nossa Defesa Nacional.

O cam.º e ador.

*Nota.* — Parabens, não esqueçamos, aos factos que permittiram a successiva transformação da Escola Militar no sentido de fazela desempenhar com efficiencia a sua missão gen.ª e unica de fornecer á tropa *officiaes de guerra*.

Parabens aos instructores e auxiliares de instructores que pela sua competencia profissional, pelos seus exemplos e exigencias de educadores, pela sua impavidez diante das resistencias e ataques iniciais tão brillantemente demonstraram a excellencia da nova orientação. Parabens aos professores e adjuntos que, uns e outros menos, promptamente se enfileiraram na marcha.

Parabens aos alumnos que logo patentearam a visão clara do novo horizonte, um notorio facto, um bello equilibrio moral e uma quasi completa resistencia physica para a brusca mudança de rumo e elevação da intensidade dos trabalhos praticos militares.

... mal hajam todos quantos no proseguimento da grande obra encetada na Escola Militar sem as necessarias qualidades de competencia, applicação e gosto pela vida, não obstarão ali entupam lugar!

*Klinger.*

## O caso da Bahia

O incidente ha pouco occorrido entre a guarda federal e os academicos da Bahia caracterizada hoje a celeuma por elle levantada como uma pequena tempestade num copo d'agua e que teve dolorosa vantagem de nos patentear quanto ainda existe de ignorancia e de má vontade em materia de defesa nacional, mesmo entre aquella nossa gente que, pelas apparencias, faz jús ao conceito de possuir um mediano esclarecimento.

Sobre este caso publicou o «Jornal do Commercio» um communicado official que abaixo transcrevemos:

«E' do seguinte teor o officio que o Sr. General Aché, Commandante da 5.ª Região Militar, Bahia, enviou ao Sr. Ministro da Guerra, tratando o incidente academico alli havido e ordenando sobre a sua solução:

Sr. Ministro. Pelo estudo cuidadoso dos documentos officiaes existentes no archivo desta região; cujas copias vos enviou o meu antecessor, pelo inquerito procedido pelo pessoal da Faculdade de Direito, pelas testemunhas por mim ouvidas e pela conferencia que tive com os directores das Escolas de Medicina, Polytechnica e de Direito, se deduz clara e desapassionadamente o seguinte:

1.º — Foi a guarda da Delegacia Fiscal, e obrigatoriamente passa em frente á Escola Polytechnica, vaiada por duas vezes, havendo protesto energico por parte de um dos inferiores, Commandante da guarda.

2.º — Que varios estudantes, discordando de tal proceder de seus collegas, procuraram o Sr. Dr. Governador para lhe expressarem a sua desapprovação a esse acto, sendo-lhes aconselhado se dirigissem ao Quartel General, afim de ser dada a necessaria satisfação ao Commandante da Região, o que elles fizeram, retirando-se satisfeitos pelo acolhimento que lhes foi feito. (Declaração do Sr. Dr. Governador e de meu successor).

3.º — Que os alumnos da Escola de Direito vaiaram a musica do 19.º Batalhão de Caçadores, quando por lá passava (dias 13 e 22 de Maio).

4.º — Que o mestre da banda, desrespeitado e insultado, na segunda vez que tal facto se deu, communicou a occorrença ao seu batalhão, pelo telephone, sendo enviada uma força commandada por um official, afim de desvencillar a banda de musica. (Documentos enviados).

5.º — Que o official, ao chegar com a força, tomou as embocaduras das ruas, procurando entender-se com qualquer autoridade da Escola de Direito. (Inquerito da Faculdade e declarações outras).

6.º — Que o ingresso no Jardim da Faculdade de Direito e depois no edificio foi vedado ao official pelos estudantes com exhibição ostensiva de armas e com insultos e obscenidades, tentando um aggreir ao mesmo official, sendo repellido com um empurrão, tendo o official lançado mão do seu revolver e entrado com suas duas ordenanças no edificio da Faculdade. (Delegado de policia, testemunha de visu de todo o occorrido na Faculdade).

7.º — Que ali procurou o official com quem se entender, não lhe sendo ministrada nenhuma informação, proseguindo elle o seu caminho foi ter a uma aula que funcionava; explicando o official o seu ingresso alli, lavrou o professor o protesto na caderneta da aula. (Inquerito da Faculdade).

8.º — Que o director da Faculdade, ao tentar entrar no edificio, foi obstado por uma sentinella; declarando, porém, a sua qualidade, foi-lhe franqueado o ingresso. (Depoimentos diversos e declarações do Director).

9.º — Que um lente encontrando o official de revolver na mão e armadas as duas ordenanças, pediu que fossem embainhadas as armas, no que foi immediatamente attendido. (Inquerito da Faculdade, declaração do Director e do 1.º Delegado).

10.º — Que depois que o official se entendeu com o Director, recolheu a força ao Quartel, sem outro incidente.

11.º — Que o estudante que a imprensa apresentou como tendo sido barbaramente espancado por força do Exercito, era um estudante ebrio habitual, que ao retirar-se de uma festa estava em tal estado que cahiu na sargeta em frente á sua casa, ferindo-se no rosto e na cabeça; e que, quando em condições de raciocinar, dirigio uma petição ao Sr. Delegado pedindo o encerramento do inquerito a que então se procedia e o necessario sigillo sobre elle. (Documentos enviados pela Policia).

12.º — Que a imprensa indigena desde esse momento redobrou em insultos, os mais baixos á guarnição e até mesmo ao Exercito. (Collecção de artigos).



13.º — Que convidei os Directores das Escolas de Direito, de Medicina e Polytechnica para uma conferencia no Quartel-General a 18 do corrente e ahi expliquei a pequena importancia do facto em sua origem, tornado, porém, de vulto, pela exploração da imprensa e politicagem, estando prompto a tudo fazer com o fim de encerrar definitivamente o incidente.

14.º — Que o Director da Faculdade de Direito propoz como unica solução a transferencia do official para fóra desta guarnição. Demonstrei-lhe com facilidade o inconveniente que havia nesse proceder, pois o arranhão que soffreriam o official e a guarnição seria por tal fórma envenenado pela politica e imprensa, que se tornaria uma ferida de pessimo caracter.

Com isso concordou o Director, aceitando o alvitre, por mim proposto de esposar eu os principios manifestados pelo meu antecessor em seu officio dirigido ao Sr. Arcebispo desta diocese e fornecendo todas as explicações verbaes necessarias.

Foi a seguinte declaração por mim feita do proprio punho e assignada: «Declaro esposar os sentimentos expendidos por meu antecessor no presente documento e que verbalmente dei ao Sr. Director da Faculdade de Direito da Bahia as explicações necessarias, demonstrando não ter havido intenção de magoar ou offender a qualquer classe ou «gremiação».

Com isto se declarou satisfeito o Director da Faculdade de Direito, retirando-se.

Os directores das diversas escolas me declararam que estariam satisfeitos e de accordo, desde que o da de Direito assim se declarasse, pois eram solidarios e tinham-lhe dado seu apoio moral.

Pelo que acima fica, vê-se que o incidente foi encerrado e terminado definitivamente.

Como até esta data não tenha recebido a confirmação official do accordo entre nós estabelecido, declaro ser a «politiquice» a unica responsavel pelo possível revivimento de tal questão.

Eis ahi, Sr. Ministro, a synthese do que apurei e fiz em beneficio da normalização da vida academica nesta capital.

Quanto á guarnição federal, que foi a primeira victima das vaías e das aggressões da imprensa, deu aos factos a importancia que realmente elles mereciam e não pediu desagravo, continuando a sua vida normal, mesmo sob os mais torpes insultos certo de que o Governo e a parte sã da nação lhe fariam justiça.»

## Notas sobre Historia Militar do Brasil

(Continuação)

Quasi todos os tamoyos foram aniquilados e os tupinambás que escaparam fugiram para o norte, guiados pelo chefe *Japyassá*, atravessando a vastidão dos sertões desde o Rio de Janeiro até a margem meridional do Amazonas, na sua confluencia com o Madeira, estabelecendo-se desde ahi até a embocadura do grande rio. Ficaram desse modo os portuguezes e índios de toda a costa meridional do Brasil, descansando das antigas erupções dos gentios.

A divisão do Brasil em 2 governos não deu resultado, durando apenas 4 annos. Os proprios

governadores fizeram sentir ao rei D. Sebastião os inconvenientes da dualidade, de modo que o rei resolveu unificar novamente o governo, entregando-o ao conselheiro Luiz de Brito e Almeida em 1557.

Em 1577 foi nomeado governador geral Diogo Lourenço da Veiga, que tomou posse do cargo a 1 de Janeiro de 1578.

D. Sebastião morreu na terrivel batalha de Alcacer-Quibir, na Africa, a 4 de Agosto de 1578, perdendo consigo a elite da nobreza portugueza.

Portugal passou então para o dominio da Hespanha, onde reinava Felipe II, que foi reconhecido pelo Brasil em 1581.

Passando para o dominio hespanhol, o Brasil foi victima dos odios existentes contra essa monarchia, sendo invadido pelos hollandezes na Bahia e Pernambuco.

### Os inglezes no Brasil

Aproveitando-se da época desastrosa para os portuguezes do dominio hespanhol (1580-1640) e dos naturaes embarços em que se via o governo geral do Brasil para attender ás operações contra os francezes e os indigenas, os inglezes fundaram um estabelecimento na Parahyba do Sul, ahi conseguindo permanecer durante 5 annos, até que o governador do Rio de Janeiro dalli os expulsou, depois de um combate energico.

Outras tentativas de occupação, entretanto, ainda fizeram os inglezes, primeiramente na Bahia, onde aportaram em varios navios mercantes, depois em Santos, em 1583, a bordo do navio *Minion*; em seguida a expedição commandada por Feuton, que se bateu com dois navios hespanhóes em Santos; e, finalmente, o fribusteiro Roberto Withrington, que atacou a Bahia, sendo, porém, rechazado pelos indios (1587).

Mas nem assim desanimaram os inglezes, que pouco depois renovaram as tentativas.

Assim foi que appareceu a expedição de Cavendish e Cook (1591) contra Santos e S. Vicente e dahi contra o Espirito Santo, onde os portuguezes e indios a rechazaram energicamente.

Em seguida, a expedição de Lancaster e Le Noyer contra Recife, em 1595, onde conseguiu desembarcar forças, occupar a cidade, fortificá-la e erigir um forte com os materiaes encontrados na villa e armal-o com 5 peças de artilharia.

Contra elles, porém, os portuguezes levaram a effeito varios ataques, lançando mão de sortidas felizes, até que conseguiram expulsá-os de vez, obrigando-os a se retirarem, muito embora levando os seus navios carregados de despojos.

Dahi por diante, as tentativas inglezas cessaram, naturalmente porque a attenção dellas voltou-se para o extremo norte, a Guyana, a procura do lendario reino do *El-Dorado*.

### Considerações

As frequentes tentativas dos inglezes, bem como dos francezes e hollandezes contra o Brasil, parece fóra de duvida que eram a resultado do grande principio do — *livre commercio contra o monopolio*.



ocupação do territorio não era o fim, mas o meio de que se serviam para conseguirem a posse dos mercados e a fonte de projectados lucros.

O rei francez disséra com grande espirito nunca lido a verba testamentaria em que Adão dava o mundo aos hespanhóes e portuguezes, que é certo, porém, é que essas frequentes lutas de occupação do territorio concorreram para que os colonisadores portuguezes, auxiliados pelo governo da metropole, cuidassem mais da organização defensiva dos pontos importantes do littoral do Brasil e puzessem em execução uma organização militar aparelhada com os recursos compatíveis com a época.

### Missão dos francezes do Maranhão

Desde 1594 que os francezes se haviam estabelecido no Maranhão, ainda no governo de Francisco de Souza, sendo Jacques Riffault o primeiro dos primeiros que ali fundou estabelecimentos.

Com o objectivo de angariar auxilios para consolidar sua occupação, Jacques Riffault escreveu para a França, onde logo se formou uma commissão por Daniel de la Touche, senhor de Revardiére, Emilio Rassilly e Carlos Harley.

Revardiére seguiu para o Maranhão em companhia com uma esquadilha, e, levando consigo os de Vaux e 4 franciscanos, deu principio á fundação da povoação de São Luiz, nomeado como homenagem a Luiz XIII.

Francisco de Souza, então governador, enviou para Pernambuco uma expedição contra os francezes, cabendo o commando dessa expedição a Jeronymo de Albuquerque.

Depois, no desempenho de sua missão, seguiu para o norte, á procura de auxiliares, encontrando-se na fortaleza do Grande do Norte com o sargento-mór Diogo Campos, que viera da Europa com alguns soldados e que tambem havia sido nomeado para commandar a expedição.

Segundo a Preza, depois de penosa viagem, os portuguezes levantaram um forte em Guayana, dando-lhe o nome de *Santa Maria*. Os francezes atacaram esse ponto a 19 de Novembro de 1614, sendo derrotados por Jeronymo de Albuquerque, que, com essa victoria, deu o inicio da retirada dos francezes.

Segundo diz J. F. Lisboa em seus «Apontamentos para a historia do Maranhão», as forças francezas se compunham de 7 navios de bordo, 46 grandes canoas, 400 soldados e de 2 000 indios, ao passo que Albuquerque dispunha de 500 homens de guerra, 300 portuguezes e pernambucanos e 200 auxiliares.

Segundo diz Southey, levou Diogo de Vences as primeiras trincheiras francezas, os francezes descendo do outeiro, mas com tanta impetuosidade que foram logo atacados pelos dois lados por Fragozo, com seus tapuyas, e por Jeronymo de Albuquerque.

Os francezes retrocederam para suas fortificações no outeiro, aproveitando-se Diogo desse para incendiar immediatamente as canoas, haviam sido puxadas para a terra, e avançou em seguida contra as fortificações, onde os francezes foram completamente desbaratados.

La Revardiére, confiando em suas tropas de terra, não cuidára de soccorrer-as a tempo, e, quando desejou fazel-o, não mais lhe foi possível, porque a baixa-mar não mais permittiu que suas lanchas se approximassem da praia.

Os francezes ficaram assim completamente derrotados, recolhendo-se a bordo de suas embarcações, após deixarem 115 mortos, entre os quaes o commandante Pesieux (ou *Lexieu*, como consignam alguns compendios), e 9 prisioneiros.

Depois desse combate, os belligerantes assignaram, a 27 de Novembro de 1614, um armistício, documento firmado pelo sargento-mór Diogo de Campos e capitão Matheus Maillart e que ficaria dependendo da confirmação por parte das respectivas metropoles.

Antes, porém, de expirado o prazo estabelecido, Jeronymo de Albuquerque, que recebera reforços, atacou os francezes novamente, obrigando La Revardiére a assignar o compromisso de retirar-se no prazo de 5 mezes, sendo indemnizado do que deixasse na ilha e obrigado a entregar immediatamente o forte de Itapary ou São José.

Entretanto, antes de expirar o novo prazo concedido por Albuquerque, chegou Alexandre de Moura, governador geral da Armada e Conquistador do Maranhão, com uma esquadilha de 7 navios grandes, 1 caravellão e 1 caravella, trazendo 900 homens de desembarque. Mais graduado do que Jeronymo de Albuquerque, Alexandre de Moura avocou a si a questão e impoz, a 3 de Novembro de 1615, a sahida immediata dos francezes, que apenas poderiam levar os bens possiveis de serem transportados consigo.

Em seguida, foi mudado provisoriamente para *S. Felipe* o nome do forte *S. Luiz*, e Jeronymo de Albuquerque tomou o sobrenome de *Maranhão*, vindo a fallecer a 11 de Fevereiro de 1618.

### Considerações

A descripção do combate entre portuguezes e francezes no Maranhão não nos permite uma idéa perfeita do modo pelo qual foi elle conduzido.

Os compendios consultados, referindo-se a elle de fôrma passageira e até mesmo controversa, seria impossivel restabelecer a verdade de modo completo e mediante o qual se pudesse apreciar as differentes phases das operações militares.

Parece-nos, entretanto, que os francezes commetteram o erro de se estabelecerem sem ligação, conservando uma parte das forças a bordo e outra em fortificações mal arranjadas na montanha, onde os recursos lhes escassejavam.

O resultado foi poderem os portuguezes, auxiliados pela baixa-mar, derrotar a fracção adversaria que se estabelecera em terra e que, nem sequer, soubera tirar partido do terreno, deixando-se ainda envolver pelos dois flancos quando correu a atacar os portuguezes.

Parece ainda que a tomada do adversario pelos dois flancos não foi operação premeditada pelos portuguezes, mas producto do simples acaso, se bem que elles soubessem com sagacidade aproveitar-se desse acaso, incendiando ainda as embarcações imprudentemente deixadas pelos francezes no littoral.



Entretanto, resultou desse combate a expulsão dos francezes do Maranhão, que, afinal, era o objectivo a realizar pelos portuguezes.

### 1.ª invasão hollandeza

O facto de haver passado Portugal para o dominio da Hespanha deu em resultado ficarem suas colonias á mercê das hostilidades da Hollanda que vivia em luta com aquelle paiz. Hollanda, que vivia em luta com aquelle paiz, de prosperidade quanto á sua marinha e ao seu commercio, e aos seus filhos não faltava ousadia para as grandes emprezas, de modo que não foi difficil a formação, a 3 de Junho de 1621, da poderosa Companhia das Indias Occidentaes, á qual foi conferido o direito de commerciar e conquistar as terras novamente descobertas na America, bem como o de levantar tropas, etc., a exemplo do que se dava com uma outra companhia, chamada das Indias Orientaes, que desde 1602 operava na Asia, com grande prejuizo da Hespanha.

Como compensação, o governo hollandez impoz á companhia a obrigação de ceder-lhe, em caso de guerra, 16 grandes navios, 4 yachts e outros recursos.

A direcção da companhia foi confiada a um conselho de 19 membros (chamado Conselho dos XIX), sendo 8 pela Camara de Amsterdam, 4 pela Zelandia, 2 pela de Rotterdam, 2 pelo districto do Norte, 2 pelo paiz e cidade de Groningue e o 19.º nomeado pelos Estados Geraes.

Depois de varias excursões sem importancia, foi designado o Brasil, e principalmente a cidade do Salvador, para ponto da invasão.

Para a realisação dessa empreza, foi preparada uma esquadra de 33 navios e 3 yachts, com 500 peças de artilharia, 1.600 marinheiros e 1.700 homens de desembarque, sendo nomeados: Jacob Willekens, almirante; Pieter Pieterszoon Heyn, vice-almirante; coronel Johan van Dorth, commandante das tropas e futuro governador das terras que se conquistassem.

O governo hespanhol foi avisado da organização dessa expedição, mas deixou-se ficar inactivo, de modo que a expedição partiu desembarcadamente em principios de 1624, a 8 de Maio ancorando na bahia de Todos os Santos, a 9 leguas de terra.

O navio em que viajava Johan Dorth se havia separado da esquadra na altura de Cabo Verde, devido ás correntes oceanicas, só conseguindo chegar ao seu destino no dia 11.

Diogo de Mendonça Furtado, governador geral da Bahia, auxiliado pelo bispo D. Marcos Teixeira, ao ter noticia da organização da expedição, preparara elementos de defesa, mobilizando mesmo grande numero de colonos; mas, a expedição demorando a apparecer, esses elementos se foram dispersando.

O proprio bispo D. Marcos, levado por sentimentos caritativos, influuiu para que os colonos regressassem aos seus labores no interior, abandonando a defesa da cidade, onde apenas se conservou um reduzido numero de soldados.

Nessas condições, puderam os hollandezes, a 9 de Maio de 1624, atacar a cidade, bombardeando-a.

A pequena guarnição resistiu, conseguindo desavarvar o primeiro navio hollandez que se apresentou e cujo capitão foi morto no combate.

O almirante Heyn mandou tripular 3 lanchas, com 20 soldados cada uma, dando-lhes ordem de atacar os 15 navios portuguezes ancorados no porto, sendo aprisionados 8 delles e incendiados os restantes.

Segundo alguns historiadores, foram os proprios portuguezes que incendiaram os navios, depois de tel-os abandonado.

Avançando em seguida contra a cidade, os hollandezes tomaram o forte de São Marcello do Mar, guarnecido por mais de 500 homens, após haverem arrojadamente escalado as muralhas.

Emquanto isso, o major Albert Schouten, com 1.200 soldados e 240 marinheiros, tomava o forte de Santo Antonio, após haver desembarcado no Pontal e derrotado Antonio de Mendonça, filho do governador, apesar de sua grande bravura.

Occupando a cidade no dia 10, os hollandezes aprisionaram o governador geral, que, aliás, procurava resistir heroicamente.

Johan Dorth chegou ao porto no dia immediato, tomando posse do governo em nome da Hollanda e concitando o povo á paz e ao retorno ás suas occupações.

Diogo Furtado foi enviado preso para a Hollanda, onde só foi solto a 23 de Novembro de 1626.

Julgando firmado o dominio hollandez na Bahia, os chefes da expedição começaram a des-pensar-se por divisões.

Entretanto, mal as forças da esquadra hollandeza abandonaram a Bahia, iniciára-se a organização da resistencia.

A Mathias de Albuquerque, governador de Pernambuco, cabia por lei succeder a Diogo Furtado no governo da Bahia; mas, achando-se elle em Pernambuco, foi eleito o ouvidor geral Antão de Mesquita e Oliveira, tempo depois deposto por influencia do bispo D. Marcos Teixeira, ávido de assumir o governo, o que conseguiu, desenvolvendo desde logo grande actividade.

Foi, porém, infeliz esse bispo, porque 4 meses depois fallecia.

Lourenço Cavalcanti e Antonio Cardoso de Barros, que haviam sido encarregados pelo bispo de dirigir a resistencia, sitiaram a cidade, não deixando penetrar, e sendo em breve reforçados por Francisco Nunes Marinho, enviado de Pernambuco por Mathias de Albuquerque.

Iniciaram-se, então, as sortidas e emboscadas de parte a parte, sendo Johan van Dorth morto em combate corpo a corpo pelo capitão Francisco Padilha em uma emboscada, a 17 de Junho de 1624.

Igual sorte coube a Albert Schouten, a 3 de Setembro, succedendo-lhe no commando seu irmão Willem Schouten, homem sem moralidade para o commando das tropas, que, realmente, dentro em pouco cahiram na maxima indisciplina.

O conde-duque de Olivares resolveu-se, afinal, a agir, e confiou o commando de uma esquadra a D. Fradique de Toledo Osorio, marquez de Valdeuza, com o fim de restaurar o dominio hespanhol na Bahia.



essa esquadra se compunha de 52 navios de guerra, além dos transportes, e as forças ex-cionárias orçavam em 12.563 homens, entre as de desembarque e tripulações.

O contingente portuguez, sob o commando chefe de D. Manoel de Menezes, compunha-se de 23 navios redondos e 4 caravellas, com 100 homens.

Francisco de Almeida era o almirante da esquadra e o sargento-mór Antonio Muniz Barboza o commandante das tropas de desembarque. A esquadra hespanhola, sob as ordens de D. João de Fajardo, dispunha de 31 galeões e 3 navios menores, com perto de 8.000 homens de desembarque.

Antes de zarpar da Europa a grande expedição, seguiu o pernambucano D. Francisco de Sá, com o título de Capitão-mór do Recôndito, levando 3 caravellas, duas das quaes commandadas por Jeronymo Serrão de Paiva e a terceira por Pereira de Vargas, conhecedores do paiz. Desembarcando em Pernambuco, D. Francisco de Sá seguiu por terra, assumindo o commando das forças de Francisco N. Marinho a 1.º de Dezembro.

A grande expedição chegou á Bahia em 29 de Março de 1625, bloqueando logo o porto, e se achava a frota hollandeza, composta de 23 navios, completando-se o cerco da cidade das tropas desembarcadas.

Segundo diz o visconde de Porto Seguro, muito distinguia na condução e disposição das tropas de sitio o sargento-mór napolitano Gio: Vicenzo de Sanfelice, posteriormente conde de Bagnuolo, que notaveis serviços prestou de- nas operações contra os invasores hol- landezes em Pernambuco.

Os hollandezes haviam fortificado a cidade de acordo com os preceitos da engenharia mi- litar. Entretanto, abandonaram os fortes de S. Serrate e Agua do Menino, concentrando as forças para a luta.

Willem Schouten foi demittido do commando das tropas hollandezes, sendo substituido por Hans Kiff.

O novo commandante debalde procurou restau- rar a disciplina nas tropas. Entretanto, con- tinuou ainda sustentar varios combates durante dias, capitulando, afinal, a 30 de Abril com 919 homens que lhe restavam.

Os vencedores permittiram sua sahida da Ba- hia levando apenas as roupas e objectos de ge- neroso para 41/2 mezes e as armas ne- cessarias para sua defesa. Dias depois chegava a esquadra hollandeza de 34 navios, com- mada pelo almirante Bondervig Hendrikszon, que se retirou para o norte, pois que já era demasiado tarde para agir com efficiencia. Con- cessando a esquadra, D. Fradique nada fez, dei- xando-a retroceder á vontade.

As divisões hollandezas que abandonaram a Bahia após sua occupação, continuaram inva- dindo outros portos, na esperanza de novas victorias.

Assim é que Pieter Heyn, com 4 navios e 1.000 homens de desembarque, foi atacar, em Maio de 1625, a capitania do Espirito Santo, que foi derrotado por Salvador Corrêa de Sá, havia partido do Rio de Janeiro em socor- ro da capitania.

Esse mesmo almirante Heyn ainda regressou á Bahia no anno de 1627, á frente de 8 na- vios grandes e 4 hiates, tomando posição com seus navios entre as duas baterias fluctuantes de que os portuguezes lançaram mão para au- xiliarem a defesa da cidade, augmentada, aliás, de 42 canhões pelo então governador Diogo de Oliveira.

Travando encarniçado combate, o almirante sa- hiu vencedor, sendo, porém, ferido.

Pouco depois, em nova acção e no mesmo littoral, os hollandezes mataram o capitão Fran- cisco Padilha, que defendia a posição de Pe- titinga.

Entretanto, essas victorias hollandezas de nada valeram, pois que Heyn retirou-se da Bahia, atacando e derrotando em viagem a esquadra hespanhola do Mexico e apprehendendo riquezas que de sobejo compensaram as perdas anterior- mente soffridas pela Companhia das Indias Occi- dentaes.

Ainda nesse mesmo anno de 1627 os por- tuguezes tiveram de desalojar Corneliz Jol da ilha de Fernando de Noronha, que elle havia occupado e principiára a colonisar.

### Considerações

A invasão hollandeza, obedecendo a um plano mais maduramente architectado, constituiu para o Brasil um perigo muito maior do que a inva- são dos francezes.

Entretanto, talvez mesmo pela maior gravi- dade do perigo, o zelo da população, que deli- neava a nacionalidade futura, despertou-se com maior energia, as lutas se travando com um en- carnecimento mais accentuado.

A organização da expedição hollandeza de- monstrou o firme proposito de uma acção deci- siva e segura no Continente Sul-Americano, mas na escolha dos chefes a Hollanda não foi de todo feliz.

A prova tivemos-a no abandono prematuro da posição conquistada, que, entregue á pequena guarnição ali deixada, não pôde resistir á reacção que se produziu e que deveria ser esperada.

Quanto ao governo hespanhol, é indesculpavel o abandono em que deixou a Bahia, sabendo, como sabia, com tanta antecedencia dos pro- jectos e preparativos hollandezes.

Por sua vez, Diogo Furtado, governador da Bahia, descuidou-se um tanto da defesa da ci- dade, deixando o bispo D. Marcos empolgar o espirito dos colonos e levar-os á dispersão em um momento tão grave.

Entretanto, a resistencia logo depois organi- sada e a bravura com que foi levado a termo o sitio da Bahia demonstraram claramente que as conquistas realisadas apenas pela força ma- terial são sempre de duração ephemera.

Não fôra a inacção imperdoavel de D. Fra- dique de Toledo, deixando que se retirasse em paz a esquadra do almirante Hendrikszon, quando dispunha de elementos para hostilisa-la, e mais brilhante teria sido a victoria alcançada contra os hollandezes, realçando-se as glorias luzitanas.

*Errata.* — A' pag. 400 do n.º 84, 2.ª co- luma, linha 63, depois da palavra *habitavam* — leia-se: *Posteriormente chamou-se dos Sete En- genhos, e afinal do Governador.*

(Continúa)

Capitão Nilo Val



## A verdade sobre o sorteio

Algumas pessoas que leram o meu artigo do n.º 84, sob o título supra, comunicando-me as suas impressões, julgaram o mesmo algum tanto obscuro em certos trechos.

Acredito que sim. Mas é de ver que em certos artigos é preciso também ler nas entrelinhas.

Nem sempre a verdade pôde ser dita em linguagem nua e crúa, sem rodeios e sem rebuços.

Fallando sobre generalidades, a minha preocupação constante foi dizer a verdade sem offender melindres pessoas.

Mas, como diz o velho dictado, para um bom entendedor meia palavra basta.

No fracasso do sorteio militar ha muita coisa ainda a estudar — *à luz da verdade*. Não me julgo, porém, na altura de vir a publico esmiuçar essas questões porque tenho medo que me appliquem o distico latino:

*Nec sutor ultra crepidam...*

Mesmo porque agora me faltam a saúde e o tempo, duas coisas indispensaveis a quem escreve.

Não quero, porém, terminar sem fazer as duas seguintes perguntas:

1.ª — Porque no primeiro anno de sorteio (pelo menos aqui em S. Paulo) a apresentação foi a melhor possível, ao passo que diminuiu no 2.º e mais ainda no 3.º?

2.ª — Porque diminuiu o enthusiasmo na mocidade pelo serviço militar, tanto assim que desapareceu do voluntariado a mocidade de certa posição?

São estas e outras as questões de que se devem preoccupar os nossos homens de governo.

E' preciso estudar os nossos problemas militares de accordo com as nossas necessidades e de accordo com o nosso meio. Intelligencia, capacidade e aspirações patrióticas não nos faltam.

O que nos tem faltado é alguém que estude devéras as nossas necessidades, sem olhar a compadrecos e arranjos domesticos.

Deem ao Exercito tudo o que elle precisa; movimentem os corpos em exercicios e manobras; reformem com criterio a nossa engrenagem administrativa por meio de leis claras e simples e, não levará muito tempo, teremos uma defesa de terra bem organizada.

Emquanto, porém, as altas autoridades militares ou civis não conhecerem — *de visu* — os corpos e as suas prementes necessidades, não é possível pensar em um exercito efficiente que nos possa prestar os serviços que delle se devem esperar.

E' preciso que afinal se chegue a comprehender que o Brasil não é só o Rio de Janeiro.

Dr. Braz Bicudo de Almeida  
Medico civil

Itú, 14-8-1920.

## Pela saúde do Exercito

E' de praxe ensinar-se que o soldado se deve habituar a todas as especies de alimento, alim de nunca soffrer as consequencias de um jejum. Mas, para que isto se observe, é necessario que o mesmo tenha mais ou menos perfeito o seu apparelho digestivo, com especialidade a sua porção inicial — a bocca — porque desta depende a facilidade da digestão e, por consequinte, a normalidade da nutrição — a mais elementar e essencial á vida — em torno da qual gravitam todas as outras funções do organismo.

Em geral o nosso militar tem os dentes deteriorados, dando assim um fraco coefficiente de mastigação, facto este que, além de embaraçar a elaboração da saliva, cujo papel, como se sabe, é importantissimo na formação do bôlo alimentar, traz muitos outros disturbios e serios maleficios no tocante á nutrição do individuo. Demais, d'isto são noticiadas lesões outras de ordem local, como sejam as suppurações das raizes dentarias, as pulpites, os abcessos, as arthritides, as fluxões e as nevralgias, etc., males que, imperiosamente, perturbam os actos physiologicos mais rudimentares da digestão, reflectindo ainda sobre todos os outros órgãos e apparelhos da economia.

Inutil seria salientar aqui com descrições minuciosas todos os morbos que irrompem atravez da cavidade buccal bastando lembrar nestas linhas as palavras de Von Belcher: — «A bocca é a grande porta de entrada para o organismo; noventa por cento de todas as molestias que atacam a humanidade surdem no organismo, por intermedio da bocca, levadas pelos alimentos, pelas bebidas, pelo ar que se respira, etc.» Por maneira que a bocca, sendo no estado



ordinario um meio septic, cuja virulencia microbiana tende sempre a exaltar-se, deve ser tratada com cuidados mediculosos de hygiene, afóra outros especiaes para a immediata regularisação dos trabalhos de mastigação e insalivação.

A deficiencia do quadro de dentistas do Exercito tem trazido alguns embaragos ao serviço sanitario regimental. Com a incorporação annual de elevado numero de conscriptos, que vem do interior, raro é o dia em que se não apresentem ás visitas medicas das unidades innumeras praças que procuram o medico queixando-se de males da bocca. Por sua vez, e conforme o caso, o medico recorre á Policlínica Militar no sentido de se fazer o necessario tratamento. Infelizmente não se pôde contar com a efficacia deste, em virtude do accumulo de serviço dado aos profissionaes, nem só pelos officiaes e suas familias, como pelas praças dos diferentes corpos da Região. Disto redunda prejuizo para a saúde e instrucção da tropa.

Não ha negar a importancia consideravel, já positivamente demonstrada pela hygiene moderna, que se deve ligar aos cuidados da bocca e dos dentes. Póde-se dizer que até aqui, entre nós, pouco tem cuidado desta questão e, nos quartéis, as dispensas dos exercicios diários dimanadas pelas lesões dentarias, allás justificadissimas, attingem a uma cifra elevada.

O medico militar é obrigado a ter certos conhecimentos technicos indispensaveis para zelar pela prophylaxia de taes molestias dos jovens soldados; porém, por melhor vontade que se possua, nada se conseguirá em face de certos casos que somente o especialista poderá sanar. Ante difficuldades taes o restabelecimento e consequente ampliação do quadro de dentistas é uma necessidade imprescindivel (\*).

Em todos os exercitos estrangeiros o serviço de estomatologia tem sido encanado com certo destaque pela sua importancia consideravel. E na ultima guerra mundial cuidou-se carinhosamente desta organização sanitaria, com installações magnificas de hospitaes, gabinetes e laboratorios destinados aos tratamentos das lesões dentarias e prothese maxillo-faciaes.

Não devemos pensar da exclusiva utilidade do serviço odontologico militar

durante a guerra. E' elle indispensavel, valioso e conveniente tambem durante a paz, principalmente agora que vemos em pleno progresso a lei do sorteo militar. E é de nossa obrigação envidar todos os esforços na applicação de meios beneficos no intuito de melhorar e cuidar da saúde daquelles que vêm, em obediencia á lei, com sacrificio de tudo e de seu sangue, cumprir o dever de defender a ordem e a dignidade da Patria.

1º Tenente medico M. C. Oões Monteiro

(\*) N. da R. — A grande alegria que nos dá a interessante collaboração do distincto camarada Dr. Goes Monteiro não diminui ante a nossa radical e profundamente arraigada dissidencia, a respeito dessa pequena mas pertinaz corrente que trabalha no sentido de fazer o Governo reviver o inconvenientissimo quadro de dentistas, em tão boa hora extincto.

Nossa decidida aversão por esse quadro pôde-se syntheisar neste pensamento que emprestamos do fecho de um interessante artigo do nosso distincto collaborador Major Dr. A. Alves Cerqueira, escripto no n. 67, pagina 247, Abril de 1919: «Ter um quadro de dentistas adstricto exclusivamente á pequena area de sua especialidade, num exercito ao qual muita coisa ainda falta, affigura-se-me, se não uma excessencia, ao menos um luxo superfluo que não estamos nas condições de sustentar.»

A amostra que temos do remanescente quadro de dentistas tenentes e capitães não pôde encorajar os que amam esse pobre exercito tão explorado, tão ludibriado, a perseverar em semelhante solução do problema, evidentemente relevante, tão bem descripto pelo Dr. Goes Monteiro. Não sendo só na Capital Federal, em Niteroy e S. Paulo que se precisaria de cuidar dos dentes de nossos patricios que vem desfilar pela caserna, não haveria, por assim dizer, quadro bastante grande para realmente attender ao fim a que seria destinado. «Os soldados passam pouco tempo na caserna, não é ali que elles vão adquirir males de dentes.» (Da N. da R. posta no citado artigo do Dr. Alves Cerqueira). O problema não compete ao exercito: seria uma solução, incontestavelmente, porém a mais cara, a mais impolitica de todas. Impolitica na accepção positiva, governamental, de efficacia nacional. E importaria, se não nas intenções, certamente nos resultados, em cuidar o exercito realmente dos dentes de dentistas e não nos dos soldados.

A parte largamente principal do problema é attendido pelo cumprimento consciencioso das disposições do R. I. S. G. sobre o ensino da hygiene da bocca, attribuido aos medicos militares dos corpos, e na falta delles aos proprios officiaes combatentes, ensino a sancção pela incessante e rigorosa fiscalisação da observancia dos preceitos ministrados» (R. I. S. G., pag. 121).

Nos casos mais communs de soffrimentos de dentes nenhum medico militar se recusará de dar com carinho os conselhos cabiveis e nos mais graves, que demandem a intervenção do especialista nenhum cdte, de corpo que se préze



de o ser verdadeiramente vacillará em fazer pagar pelo cofre a despesa necessaria, tão licitamente como o cofre compra outros medicamentos e como paga, ás vezes, banquetes por occasião de exames de instrucção.

Por outro lado: «os officiaes podem pagar dentista». (E continuamos a haurir da mesma nota:)

«Finalmente quanto ao argumento da especialização e ampliação dos socorros dentísticos aos militares na guerra, não consta que o queixo do soldado offereça, na paz, mais vasto theatro de aprendizagem especializada, que o do civil...

Em summa: o quadro de dentistas pôde evidentemente ser improvisado na guerra e só para a guerra.»

## Regulamento de Paradas. Posses de Commandos.

**Summario:** A) Apreciação preliminar  
B) Esboço de projecto.

### II (\*)

B):

#### a) PARADA

515. A *parada* é uma formatura de gala destinada a solennisar os grandes dias da patria, ou algum acontecimento que o governo julgue digno dessa homenagem.

Consiste numa *revista*, á qual se segue, em geral, um *desfilar* (519, § 3.º).

### I. REVISTA

516. Nas formações para revista e no desfilar, o alinhamento e o contacto fazem-se pela direita.

*Todas as filas das columnas se cobrem*, mantido, na linha destas, o alinhamento das testas.

### FORMAÇÕES PARA REVISTA (EM PARADA, FIG. 10)

517. A *companhia* fôrma em linha, com os pelotões na ordem de seus numeros, a partir da direita.

Nas formaturas de parada, ao lado de unidades maiores, as pequenas unidades isoladas adoptarão, tanto quanto possível, a formação daquellas.

O *batalhão* fôrma em linha, em linha de columnas de pelotões e em columna de pelotões.

O *regimento* fôrma em linha, ou com os batalhões em linha de columnas de pelotões, ou em columnas de pelotões.

518. Na direita da linha, ou da fracção testa, e no alinhamento da primeira fileira, collocam-se, successivamente, a partir do commandante do pelotão: a bandeira, o commandante da companhia e, no batalhão encorporado, o ajudante e o commandante; no alinhamento da segunda fileira, a guarda da bandeira, a retaguarda desta.

Os corneteiros e tambores, em conjunto e em tantas fileiras quantos os batalhões (ou companhias no caçador), em seguida, alinhada a primeira fileira pela mesma da tropa; e do mesmo modo, á direita, a musica, em quatro fileiras, tendo á direita o mestre, á disposição do

commandante um corneteiro, ficando o mór da banda como o mestre.

O commandante do regimento tendo á esquerda o fiscal e o ajudante, fôrma á direita da musica, no alinhamento dos commandantes de batalhões. Do mesmo modo formará o estado maior do caçador.

Os intervallos entre as companhias, cujos commandantes podem ser montados, o ajudante de batalhão, o major, as bandas de corneteiros de musica, o ajudante de regimento ou caçador, os fiscaes e os commandantes destas unidades serão os compatíveis com as necessidades.

Quando ha mais de uma brigada ou de uma divisão, os commandantes destas tomam lugar, com seus estados-maiores, na direita de suas unidades, os mais graduados á direita.

Si ha uma só dessas unidades, seu commandante e seu estado maior ficarão naturalmente ao centro da frente, á distancia que variará, compativelmente com o espaço disponível, de cinco a vinte passos. Na falta de espaço formarão mesmo no flanco direito, a cinco passos.

Conformar-se-hão com essas regras as unidades menores que a brigada quando tiverem de ser revistas isoladamente.

519. Essas disposições são tomadas ao toque de — *Em parada!* mandado fazer respectivamente pelos commandantes das unidades isoladas, no proprio local da concentração (Ordenança Souza Castro, toque 128).

Na disposição — *Em parada*, as unidades armarão baioneta, quando houver revista, e mando dos capitães.

Quando não ha *desfilar*, o commandante, depois de terminada a revista, manda tocar **seus logares!** (Ordenança, 132). Os commandantes de companhias mandarão, então, **desarmar-baioneta!** logo que tenha sido restabelecida a formação normal.

Si á revista dever se seguir *desfilar*, no mesmo local ou não, mandará o commandante da tropa dar o toque de — **Preparar para desfilar!** (toque 129), ao que a tropa adoptará formação adequada (fig. 11) e conforme o art. 524.

Quando se trata de uma companhia isolada com musica e bandeira, as disposições são as mesmas, occupando a banda de tambores e corneteiros o lugar da musica, na falta desta.

Com as unidades não seguirão as suas ambulancias.

A ordem de batalha especificará os pontos compatíveis mais ou menos centraes em relação á frente da tropa, onde deverão estacionar as ambulancias divisionarias.

Acompanharão estas ás tropas na marcha ou o *desfilar*, na cauda, recolhendo após o *desfilar* da ultima fracção.

520. As guardas de honra tomam tambem formação — *Em parada!*

521. Na collocação da tropa em parada quando se os intervallos seguintes:

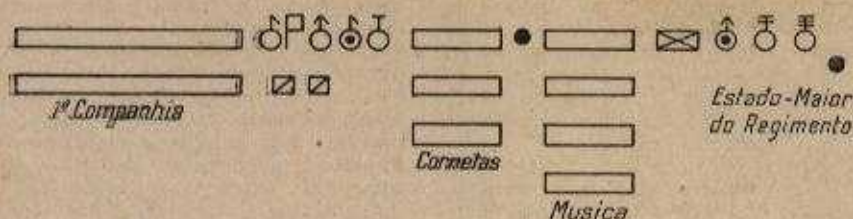
Para uma companhia isolada	10 passos
„ um batalhão	20 „
„ um regimento	30 „
„ uma brigada	40 „
„ uma divisão	50 „

Havendo falta de espaço, podem ser reduzidos esses intervallos, deixando-se, porém, o necessario para os commandantes e estados-maiores e para as bandas de corneteiros e de musica.

(\*) Ver «A Defesa Nacional» de julho.



Fig. 10



22. O commandante em chefe da tropa, de  
de assumir o commando geral com as for-  
idades inherentes a esse acto (538 bis), man-  
a tocar — **Descançar!**, toque esse que será  
tido pelas divisões, brigadas e unidades iso-  
as, nestas com o signal de execução, e aguar-  
a a autoridade.

o approximar-se a autoridade que vae pas-  
a revista, sempre pelo flanco direito da  
pa, manda o commandante desta fazer os to-  
s de **Sentido!**, do **signal de com-**  
**ando** que competir a essa autoridade e o de  
**representar-arma!** (si se tratar do presi-  
te da Republica, 2.ª edição do R. Cont.,  
35, tocando então a musica o hymno na-  
al, neste caso, e alguns compassos de mar-  
nos outros) e em seguida vae, a galope, re-  
ela, faz-lhe a continencia de espada á dis-  
cia de cinco passos, e se colloca do seu lado  
erno, entregando-lhe o mappa da força.

omeça então a autoridade a revista, sendo  
npanhada pelo commandante da tropa sempre  
lado exterior; ao approximar-se da direita  
cada divisão, brigada, mandam os seus com-  
andantes tocar **Sentido!** e **Olhar á di-**  
**ta!** (ou **Apresentar-arma!** para o pre-  
nte da Republica), e, a galope, vão postar-  
do lado externo da autoridade, obedecendo  
gradação, fazendo a continencia de espada  
mco passos.

s commandantes de regimento mandarão, por  
vez, repetir esses toques, como advertencia,  
ndo demandar a autoridade as suas unidades,  
ndo-lhes a continencia de espada, como ac-  
competindo aos commandantes de batalhão  
e unidades isoladas darem as vozes para a  
ção correspondente, fazerem do mesmo  
o a continencia de espada e mandarem  
**mar frente!** logo que a autoridade passe  
frente ao centro da unidade, ou **Hombro-**  
**na!** no caso do presidente, ao deixar este  
rente desta.

as musicas tocarão durante a passagem da  
ridade pela frente das respectivas unidades.  
Desde que ella passe á outra unidade, o com-  
dante da precedente faz signal para cessar  
musica, quando a ha.

s commandantes de divisão e de brigada  
npanham a autoridade sómente durante a  
sta de suas unidades.

ando a autoridade, depois da revista; volta  
frente da tropa, esta se conserva de **Sen-**  
**do!** (ou de **Hombro-arma!** caso do pre-  
nte) e as musicas tocam á sua passagem;  
o commandante da tropa acompanha então a  
ridade, obedecendo o especificado abaixo:  
m os actos da revista, os estados maiores  
npanham seus generaes; não é, porém, per-

mitido que os piquetes, escoltas ou ordenanças  
os acompanhem pela frente da tropa, devendo  
aguardar no flanco direito a volta do comman-  
dante, quando vier este assumir o commando com  
o desembainhar da espada.

O piquete da autoridade, acompanha-a-ha, á  
retaguarda, porém, de todos os estados-maiores,  
retomando o seu lugar á proporção que forem  
estes occupando as suas posições na formação.

Não se comprehende esta prohibição com os  
corneteiros á disposição dos commandantes que  
deverão ordenar toques.

A posição do corneteiro é um pouco á reta-  
guarda do estado-maior, exteriormente á tropa;  
ou do commandante, quando não haja estado-  
maior.

## II. DESFILAR (Fig. 11)

523 No local do desfilar, onde deva ficar  
a autoridade para assistil-o, será collocada ou  
uma bandeira nacional, quando se tratar do Pre-  
sidente da Republica, ou uma bandeirola verde,  
no caso doutra autoridade.

Equidistante de vinte passos dessa bandeira  
ou bandeirola centraes, e numa mesma linha  
recta indicativa da direcção de marcha do flanco  
direito da tropa, serão dispostas duas bandeirolas  
vermelhas; e no mesmo alinhamento, á equi-  
distancia central de setenta passos, duas azues.

A primeira bandeirola azul (1.º guia) indica  
o ponto em que a musica começa a tocar, salvo  
si ainda estiver tocando outra na frente; a pri-  
meira vermelha representa o 2.º guia; a se-  
gunda vermelha o 3.º; e a segunda azul o  
4.º e assegura a direcção da marcha ao deixar  
a tropa o campo do desfilar.

524 Ao toque de *Preparar para desfilar!*, repe-  
tido pela brigada, como advertencia, o com-  
mandante do regimento que occupa a direita,  
manda dar o toque de **marcha!** seguido do  
**signal de execução**, (Ordenança, toques 119  
e 116) e segue a occupar, com o seu estado-  
maior, o seu lugar na columna, como está re-  
presentado na figura 11, bem como, indepen-  
dentemente de quaesquer ordens superiores in-  
termediarias, todo o regimento, conforme o indica  
a mesma figura, e abaixo se vê especificada-  
mente:

Os commandantes de companhias mettem suas  
unidades em columna de pelotões, a quatro  
passos, e vão occupar os seus logares abaixo  
designados, obdecidas as devidas gradações e  
antiguidades; respectivamente, a seis passos  
de distancia da fracção testa para a frente  
e no centro desta ficam: as bandeiras dos bata-  
lhões, em linha tambem por ordem de anti-  
guidade e gradação dos porta-bandeiras, da  
direita para a esquerda, com as guardas á reta-  
guarda, ladeando-as, intervalladas as bandeiras



de tres passos, dando as unidades isoladas que tenham bandeira collocação identica a esta; os commandantes de companhias, em linha; na mesma ordem os commandantes de batalhões, com os seus ajudantes á retaguarda, meio corpo de cavallo e á esquerda; o commandante do regimento ou caçador, com o seu estado-maior; e, successivamente, a dez passos, os corneteiros e tambores em conjunto, (518), e, em seguida, a banda de musica (545), a cinco passos.

Depois desta, a vinte passos, vem o commandante de brigada e o seu estado-maior, á esquerda e um pouco á retaguarda; e depois, guardando distancias de dez passos um do outro, o commandante de divisão e o da tropa, respectivamente com os seus estados-maiores, dispostos como o da brigada.

Nas paradas dispensam-se as fileiras supranumerarias.

Cada commandante de tropa que deva mandar fazer toques manterá perto de si um corneteiro, que se conservará um pouco á retaguarda e exteriormente ao estado-maior, ou no lugar indicado pelo commandante.

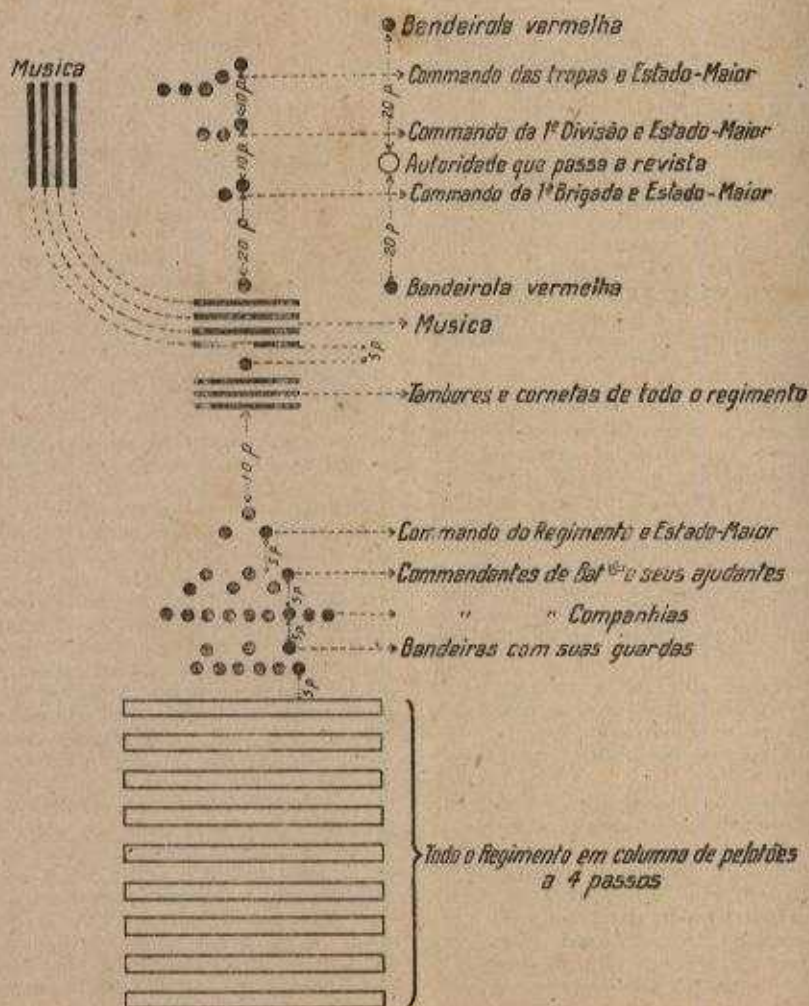
A testa marca passo até que os estados-maiores, musica e corneteiros tenham ganho, na columna, a distancia necessaria, correspondente á sua posição.

Estando a tropa já na formação de desfilar, para dar começo a este, manda o commandante em chefe fazer os toques de **Sentido!** e de **Em frente!**, ao que se inicia propriamente essa marcha de continencia com a voz — **Em frente!**, dada pelo subalterno mais antigo da companhia testa.

O commandante em chefe da tropa faz a saudação com a espada ao attingir a primeira bandeirola vermelha, continúa a marchar em frente, com o seu estado-maior, até á segunda e, ahí, voltando á direita pelo lado exterior da bandeirola, vae, a galope, collocar-se á direita e um pouco á retaguarda da autoridade, conservando-se com a espada abatida durante o desfilar, findo o qual é dada a cerimonia por terminada, recolhendo a tropa a quartéis.

Os generaes e os officiaes superiores saúdam igualmente á autoridade ao chegarem á primeira bandeirola encarnada (segundo guia).

Fig. 11





Se o Presidente da Republica assiste o desfilar de junto á bandeira nacional, centro da linha de bandeiras, a cavallo, de automovel ou numa tribuna, colloca-se o commandante em chefe á sua direita; si, porém, essa autoridade assiste á solennidade de um pavilhão, a bandeira nacional central deverá ter sido collocada correspondendo á altura do logar reservado ao chefe do Estado.

Neste caso, fronteira ao mesmo tempo a bandeira nacional e ao logar do Presidente será collocada uma bandeira amarella, á distancia da linha de bandeiras-guias o sufficiente para permittir, de permello, a passagem da columna, dando a tropa a essa bandeira o flanco esquerdo.

E será, então, junto e á esquerda dessa bandeira, com a frente para o pavilhão, que se irá collocar o commandante em chefe, tendo, antes, para isso, chegado até á segunda bandeira vermelha, ali voltando á esquerda, acompanhado sempre do seu estado-maior.

Successivamente, pouco á esquerda e um pouco de retaguarda, deverão ficar os outros generaes, obedecendo disposições identicas ás que tomariam se ficasse a autoridade junto á bandeira central. A posição da musica será, então, á direita do general em chefe, o sufficiente para se desfilar.

Os generaes, antes de retirarem-se, saudarão a autoridade.

Si a autoridade assiste de pavilhão, antes, marcharão os generaes, a passo e perpendicularmente á frente até á distancia que os separa da linha dos guias, e dahi sahirão a destino, e, previamente, a saudação. Os estado-maiors os acompanham, fazendo continência individual.

Cada commandante de brigada, ao chegar ao segundo guia, mandará, para chamar a attenção da tropa, tocar **Sentido!**, a cujo toque abaixará a espada.

525. Ao chegar a musica á primeira bandeira azul, marca passo a banda marcial, á voz do seu chefe, e bem assim as fracções á retaguarda, respectivamente á voz do subalterno da direita, até que a musica se adiante o necessario para chegar á primeira bandeira vermelha, dando segue a unidade **Em frente!**, dada esta voz os seus homens pelo chefe da banda de corneteiros, do mesmo modo procedendo os commandantes de pelotões da direita, guardadas as distancias.

Quando o mestre da musica attinge o segundo guia, manda **Esquerda-volver!** e vae collocar-se com ella de frente e com a frente da tropa á autoridade, continuando a tocar um tempo durante o desfilar de todo o regimento; logo que a ultima fracção da unidade que pela autoridade, a musica cessa de tocar e immediatamente, avança pelo caminho mais curto a tomar posição á retaguarda daquelle fracção; e procurará, então, occupar o seu logar na columna, por onde e como lhe fôr possível, de modo que a sua unidade faça alto para retomar a formação normal (529).

A banda de corneteiros e tambores não acompanhará a musica quando esta sae da columna; continua a marcha, olha á direita, quando em signal, á voz do seu chefe, ao passar pela autoridade, e só começa a tocar depois que a unidade abandona o recinto destinado ao desfilar.

As fanfarras e clarins não saem da frente da columna, no desfilar, não tocando estes quando o fizerem aquellas.

Na falta destas, tocarão os clarins, o mesmo se dando com as bandas de corneteiros e tambores das unidades que não tenham musica.

526. Quando a linha de capitães attinge o segundo guia levam estes as espadas ao primeiro tempo de **Apresentar**, baixando-as em frente á autoridade; junto á bandeira nacional (ou bandeira verde central), levando-as á posição primitiva ao attingirem o terceiro guia.

Para que os movimentos de espada sejam simultaneos, os officiaes devem se guiar pelo da direita, o qual deverá marcar os tempos *um!*, *dois!*, e *tres!*, respectivamente á altura das tres bandeiras.

De igual modo procedem os commandantes de batalhões incorporados.

Os tempos da continência devem ser feitos com energia e vivacidade.

Os subalternos perfilam as espadas ao chegarem ao segundo guia, e assim se conservam até ao terceiro.

As bandeiras do regimento são simultaneamente perfiladas e desfaldadas ao chegarem ao segundo guia, e assim se conservam até ao terceiro.

Cumpra ao porta-bandeira da direita dar os commandos *um!* e *dois!* para garantir melhor a simultaneidade dos movimentos respectivos.

527. O desfilar é feito com frente de secção para a artilharia e de pelotões para as outras armas; nas metralhadoras, porém, a frente será de seis mures, sendo muito recommendavel não augmentar as distancias além de quatro passos do regulamento.

Entre os batalhões de um mesmo regimento não ha distancia.

Os commandantes de pelotão que marcham no flanco direito e os sargentos desse flanco, orientam-se pelos guias (bandeiras) e marcham *rigorosamente* na direcção estabelecida por esses guias.

O maior defeito de um desfilar é a sua interrupção em frente á autoridade; e para evitar esse defeito, deve-se prever com cuidado o escoamento das columnas. Todo o commandante de unidade tem o dever de não demorar a marcha depois de sua passagem, e não obstruir o caminho (529).

Do mesmo modo, é preciso não esquecerem as testas das brigadas e unidades independentes a ligação pela vista em relação á tropa que vae desfilar na frente, tendo sempre muito em conta a manutenção das respectivas distancias.

Quando cada secção (pelotão) chega a dez passos antes da autoridade (bandeira central), o subalterno da direita manda — **Olhar á direita!** — e a dez passos depois della manda **Olhar frente!** A tropa deve olhar rapida e francamente á autoridade, continuando os subalternos, porém, a olhar para a frente, afim de não prejudicarem a direcção da marcha.

528. Os commandantes de divisão e de brigada, acompanhados dos seus estados-maiors, ao chegarem ao terceiro guia, fazem como o commandante em chefe (524), e vão se collocar successivamente ao lado deste, segundo suas graduações, até que suas unidades acabem



o desfilar, quando então devem retirar-se, saudando a autoridade, como já se disse (524).

529. A formação normal só deve ser tomada pelo menos a trezentos passos depois do ultimo guia, afim de não perturbar o desfilar das outras unidades. Para isso mandarão os commandantes tocar — **Alto! A seus logares!** e aguardarão que a musica venha occupar a sua posição, mandando, então, os commandantes de companhia **desarmar-baioneta!**

As unidades menores que o regimento conformam-se com as regras acima.

O desfilar faz-se sempre de — **Hombro-armado.**

As distancias no desfilar são as seguintes:

Uma companhia isolada	20 passos
Um batalhão isolado	40 »
Um regimento	60 »
Uma brigada	80 »
Uma divisão	100 »

Estas distancias são contadas da musica de um regimento ao ultimo elemento do precedente, e de modo analogo para as outras unidades.

Todas as armas devem regular as formações de revista e desfilar pelas disposições da infantaria.

Dentro de cada corporação, as tropas devem ser dispostas por arma, desfilarão as tropas a pé na frente das tropas montadas.

A cavallaria formará com lanças, excepto as guardas de estandarte, as quaes levarão clavinhas.

As guardas de estandarte serão formadas, como as de bandeira, apenas de dois homens.

530. Os estados-maiores dos regimentos de cavallaria e artilheria tomarão as posições indicadas para o de infantaria, e o dos grupos a indicada para o de batalhão.

531. Todos os officiaes que exercem commandos desembainham a espada, quer na revista, quer no desfilar; os outros fazem a continencia individual na occasião e durante todo o tempo em que aquelles a fazem com a espada.

532. As guarnições da artilheria conservam, durante a revista, as clavinhas em bandeira, e olham para a autoridade quando ella se aproxima acompanhando-a com o olhar, até que a mesma se afaste. Desfilam, as da artilheria montada e de obuzes, sentadas nos carros, com as clavinhas na mão direita apoiadas no chão do carro, e mantidas na vertical; olham para a autoridade á voz respectiva.

As guarnições de artilheria de montanha e das metralhadoras conservam as clavinhas em bandeira, e olham para a autoridade á voz correspondente.

533. Desde que um corpo montado toma a formação de — **Em parada!** — os clariaes que acompanham os capitães reúnem-se a banda.

534. Com a necessaria antecedencia, um regimento de cavallaria, previamente designado, colloca-se no fundo do campo do desfilar, frontalmente á posição da autoridade, donde assistirá o desfilar e após este avança na continencia final determinada no regulamento da arma. Para isso tomará essa cavallaria a formação normal — **em batalha** — ficando, porém, os subalternos e o estandarte na primeira fileira da tropa, e o major e o ajudante na direita do 1.º esquadrão, mas alinhados com a primeira fileira; os capitães na frente do centro dos seus esquadrões, a cinco

passos, e o coronal na frente do centro do regimento, a vinte passos.

535. Quando o desfilar deva dar-se em lugar em que por qualquer circumstancia não se possam fincar as bandeiras necessarias, como no caso de ser o local calçado ou asphaltado, ou quando assim o entenda o commandante em chefe, serão as bandeiras e a bandeira nacional empunhadas por praças, de preferencia montadas, observando-se a mesma disposição prescrita para as bandeiras.

Para isso, deverão esses guias ser, com antecedencia, mandados apresentar ao chefe do estado maior do commandante da tropa, competindo a um official deste estado-maior dispor previamente os homens nos logares em que deverão ficar.

#### b) Modos de receber os commandantes.

536. O commandante do batalhão é recebido pela direita: no batalhão de caçador pelo fiscal no incorporado, pelo capitão mais antigo, os quaes assumem para isso o commando do batalhão. Ao approximar-se o commandante, o corneteiro-mór dá o toque de **sentido!** e o signal de commando e o fiscal (o capitão mais antigo manda — **Olhar á direita!** (R. Cont. 2.ª Ed., 35) e **Olhar-frente!** ao passar o commandante em frente do centro. Si ha musica, toca esta alguns compassos de marcha.

O fiscal (o capitão mais antigo) collocar-se a alguns passos na frente do batalhão, abate a espada á chegada do commandante, embainhando-a em seguida, o fiscal, depois de haver sido correspondida a continencia (539), e perfilando-a o capitão depois da dita correspondencia, indo o capitão, então, occupar o seu lugar, o mesmo fazendo o fiscal depois de acompanhar, do lado externo da tropa, o commandante, quando passe este revista ao batalhão. No caçador, durante a revista do commando, toca a musica um dobrado.

537. O commandante de regimento é recebido pelo fiscal, pela direita, dando o corneteiro-mór os toques de **sentido!**, de **Signal de commando** e de **Olhar á direita!** como de advertencia; competindo á musica tocar alguns compassos de marcha e aos commandantes de batalhão mandarem a execução á voz, successivamente, á proporção que forem os seus batalhões sendo revistados, mandando **Olhar-frente!** ao passar o commandante em frente do centro.

A posição do fiscal, aguardando o commandante, é a alguns passos na frente do regimento. Procederá elle no acto da posse do commando, identicamente ao fiscal no caçador.

Durante a revista a musica toca um dobrado, acompanhando o commandante o fiscal e cada commandante de batalhão neste, ficando o primeiro do lado da tropa.

538. O commandante de brigada é recebido pela direita, pelo de cada regimento, este tanto quanto possível em linha, dando o corneteiro-mór os toques de **Sentido!**, **Signal de commando** e **Olhar á direita!**

O commandante do regimento abate a espada ao da brigada, a este toque, perfilando-a depois da correspondencia.

A musica toca alguns compassos de marcha



niçada a revista, os commandantes de batalhão mandam executar o **sentido!** e o **olhar direita!** á proporção que o commandante brigada for se approximando do flanco direito de cada batalhão. A musica toca durante á vista.

Na passagem do commandante da brigada pelo dro da frente de cada batalhão, mandará o commandante deste — **Olhar-frente!**

38 bis. O **commandante de divisão** é recebido pelos de brigada como os destas o são pelos regimento; isto é, cada brigada mandará dar toque de **Sentido!** o **Signal de commando** correspondente e o toque de **Olhar direita!** competindo aos commandantes de regimento fazerem repetir estes toques e aos commandantes de batalhão mandarem executar os movimentos successivamente ao serem revistas as suas unidades.

As musicas executam alguns compassos. Também tocarão durante as revistas.

O commandante de cada brigada abate a espada ao ultimo toque para a brigada e a perará logo que fôr correspondida a sua conjuencia.

Quando o commandante da divisão passe a revista, ao approximar-se do flanco direito de cada brigada, para esse fim, o commandante desta brigada tocar **sentido!** e **Olhar á direita!** e, logo, vai postar-se do lado externo daquelle commandante, tendo antes, a cinco passos, abainha a espada, dando a esta, depois da saudação, a posição anterior.

Os commandantes de regimento mandam repetir os toques quando o commandante de divisão estiver proximo de cada um e vão postar-se como o seu commandante de brigada, do lado externo da tropa, obedecendo á gradação, deixando os commandantes de batalhões e unidades isoladas, como no caso da brigada.

Desde que o revistante passe a outra unidade o commandante da precedente faz signal para parar a musica e os commandantes dos batalhões mandam — **Olhar-frente!** quando passe o revistante na frente do centro.

Identicamente proceder-se-ha com os commandantes superiores ao de divisão.

Os commandos inferiores ao de regimento darão — á voz —

39. Depois que os commandantes de caçador, de regimento, de brigada ou de divisão, etc., terminam a revista, desembainham as espadas; os estados-maiores conservam-nas, porém, em bainha.

Rio, maio de 1920.

Cap. João Freire Jucá.

## Gymnastica

(Traducção livre)

### GENERALIDADES

A gymnastica é sempre o melhor e unico meio para fortalecer o corpo e a alma do soldado preparando-o para resistir ás exigencias da guerra.

Conjunctamente com o desenvolvimento do corpo deve-se procurar fortalecer o espirito e o ultimo é sem duvida o fructo do primeiro. Assim como se pratica o tiro ou o serviço de campanha, deve-se tambem praticar a gymnastica,

porque esta não só prepara o corpo, desenvolvendo-o, dando-lhe força, agilidade, elasticidade e resistencia, como especialmente porque é o meio principal de manter o soldado em boas condições de saúde, e portanto, apto para aperfeiçoar sua instrução, fortalecer e despertar suas forças moraes.

### Seu valor e emprego

Ainda se aprecia de uma forma muito erronea a influencia que tem a gymnastica no desenvolvimento physico e moral do soldado.

Este errado conceito deve-se, em primeiro lugar, aos largos annos que passamos sem um Regulamento de gymnastica; sobretudo da anarchia que se estabeleceu, resultante da luta, entre o chamado systema sueco e allemão; a falta de preparo do pessoal instructor, e por estas causas os resultados obtidos na gymnastica sempre foram negativos.

Para que a gymnastica dê os resultados devidos, é necessario, como diz o Regulamento, praticar-a com constancia e methodo, durante todo o anno de serviço, sem que se produzam grandes interrupções, para depois recuperar o perdido com esforços violentos, que trazem como resultado o relaxamento muscular.

O tempo não falta entre nós, o que falta é o methodo e a preparação do pessoal instructor.

Não se trata de trabalhar diariamente duas horas durante quinze dias, para interromper depois a instrução, senão praticar-a diariamente pelo menos de 1/2 a 1 hora.

As grandes interrupções são muito prejudiciaes, não só para o desenvolvimento physico como especialmente para os outros ramos de instrução.

Ao contrario, uma instrução methodica, conduzida sem violencia e de forma que constitua um prazer, é logo reconhecida pelos proprios homens, pois sensivelmente vão adquirindo elasticidade, agilidade, boas formas, resistencia physica, e portanto dominio do corpo, resolução e energia para vencer qualquer difficuldade.

Para alcançar estes resultados, não é necessario que se tenha uma grande sala de gymnastica com instructores especiaes e dedicar horas e horas para fazer esgrima e gymnastica, basta fazer frequentemente alguns exercicios preparatorios, bem escolhidos, alguns saltos precedidos de corrida e flexões para fortalecer os braços, afim de alcançar resultados satisfactorios.

Augmentando a força, a agilidade, a resolução, e familiarizando-se com o perigo, se fortalece os nervos, augmenta-se a confiança em si mesmo e a energia para supportar as fadigas. Demais é um bom methodo para cultivar a esgrima de bayoneta, despertar no homem o valor para não temer o combate corpo a corpo, factor moral tão importante no combate de infantaria, cuja característica principal é o avanço ininterrupto, até desalojar com a arma branca o inimigo de sua posição.

Os exercicios physicos, segundo o R. E. I. e R. Gy., são os mais apropriados para desenvolver as qualidades moraes do soldado, tão indispensaveis no combate de infantaria, e sobretudo, servem para contrapor a influencia que produzem os exercicios de ordem unida, nos quaes os soldados devem permanecer a pé firme trabalhando a commando, onde não se desenvolve



a iniciativa e a independência como na gymnastica.

A gymnastica applicada e especialmente os jogos a que se refere o R. Gy., constituem não só a melhor preparação das pernas, pulmões e coração, como também muito particularmente servem para dar agilidade, rapidez e resolução.

Os jogos educam e desenvolvem a intelligencia, devido a applicação das differentes regras do jogo.

Para alcançar vantagens nos jogos sportivos, é necessario que os officiaes procurem influir com seu exemplo ante a tropa, porque si elles são praticados sem se despertar interesse nos homens é como quem toma uma receita medica — pôde estar seguro que não produz resultados. Numerosos escriptores militares e especialmente as experiencias da guerra, nos demonstram a grande importancia que tem, no combate, a resistencia physica, a boa saúde e as outras qualidades moraes do soldado, que só se cultivam com a gymnastica.

As causas porque não se tem cultivado como devera ser a gymnastica e a esgrima no nosso Exercito, podem-se explicar assim: falta de pessoal preparado, falta de uma escola especial para este fim, falta de methodo e que nos exercicios de tempo de paz, não concorre o valor moral do soldado, o qual os superiores não levam em conta ao dar seu juizo sobre uma tropa.

Fomentar a gymnastica é concorrer com um factor para ganhar tempo, especialmente porque os exercicios physicos e a esgrima têm, como foi dito, grande influencia na educação militar e moral do soldado.

#### *Repartição e aproveitamento do tempo*

Como será possível dispôr de mais tempo para os exercicios de gymnastica, devendo, no mesmo passo não descuidar dos outros ramos de instrução militar do soldado?

Em geral não se poderá dedicar maior tempo a esta instrução que o considerado até hoje como sufficiente, porém si fôr possível, se aproveitará melhor o tempo com auxilio de um bom programma.

Com uma boa educação de gymnastica desde o inicio pôde-se economisar muito tempo na instrução de recrutas da companhia, pois será um auxiliar para augmentar especialmente a força dos braços para os manejos e para o tiro, desembaraçar as articulações dos pés e dos joelhos, para obter uma boa marcha e em geral, para augmentar a resistencia ás fadigas do serviço.

Dedicar duas horas diarias sem interrupções, como succede geralmente para a instrução de gymnastica e esgrima de bayoneta é verdadeiramente um esforço contraproducente.

Em compensação, hora e meia para ambas as cousas ou pelo menos uma hora, é o sufficiente, pois o principal é que os musculos não fiquem muito tempo sem exercicios.

Porém é logico, que quanto mais curto seja o tempo de serviço, mais bem elaborado deve ser o programma para aproveitar o tempo e mais bem praticados devem ser os exercicios.

Para isso conseguir é necessario que independentemente dos exercicios feitos nosapparelhos do batalhão, se colloque nas dependências

das companhias algumas barras ou apparelhos de saltos, especialmente algumas cordas para augmentar a força dos dedos e das mãos para os manejos e todos aquelles exercicios de pontaria e de esgrima de bayoneta, que exigem que as mãos, empunhem com muita energia o delgado da arma.

Si se dedica uma hora para a gymnastica e pelo menos 3 vezes por semana pôde-se estar seguro que não arrefece o enthusiasmo, a instrução não será pesada e não a perderá o treinamento, como succede com o systema de abandonal-a em absoluto, por causa da preparação da revista de exame de recrutas e outras instruções.

Não se deve perder de vista que além das horas fixadas semanalmente para a gymnastica e a esgrima, de vez em quando e cada vez que se façam exercicios violentos, de marcha ou de campanha que fazem trabalhar extraordinariamente determinados musculos, é conveniente praticar, de preferencia a outras instruções, alguns exercicios musculares que façam trabalhar aquellas partes do corpo que permanecem inactivas, como seja:

Exercicios que sirvam para corrigir a posição do tronco, da cabeça, exercicios respiratorios, etc.

Os exercicios de gymnastica devem ser feitos de maneira que se faça trabalhar todas as partes do corpo para os homens desenvolverem-se normalmente; e para os que tenham algum defeito, fazel-os praticar de preferencia exercicios que tendam a corrigil-os.

Em uma palavra, o instructor deve organizar seus exercicios e repartir seus homens, levando em conta seus defeitos e constituição physica.

Assim, por exemplo, quando devido aos serviços de campanha as pernas tenham feito esforços violentos, se restringirão estas, para de preferencia aos dos braços e tronco, afim de não haver desuniformidade no desenvolvimento das pernas, com prejuizo dos braços.

Tambem não se deve perder de vista que as pernas devem ser preparadas convenientemente antes de entrar no periodo das marchas e serviço em campanha se si quer alcançar resultados satisfactorios.

Os exercicios de pontaria se preparam, com vantagem, com os exercicios de cordas; as paduas e o tronco para supportar o peso da mochila, as pernas e os braços para manusear o manejo de arma. Em uma palavra, a gymnastica serve para preparar os homens convenientemente para as exigencias do serviço militar e isto não se deve perder de vista ao confeccionar os programmas e dirigir a instrução.

Não se poderá dizer que para a instrução de gymnastica não se dispõe de tempo por causa das exigencias da instrução militar moderna do soldado; porque um bom methodo de instrução moderno exige, antes de tudo, uma boa preparação de gymnastica, e depois os exercicios, o primeiro facilita o segundo e os exercicios indicados no regulamento de gymnastica foram escolhidos especialmente, levando-se em conta o que é mais importante e simples para alcançar o objectivo que se tem em vista na instrução militar.



to é, ter em curto tempo soldados aptos para a guerra, bons atiradores, bons marchadores, ágeis e resolutos.

Os que pretendem alcançar os resultados que tem os nossos regulamentos de instrução, aumentando a duração dos exercícios e descuidando da gymnastica, commettem um grande erro, porque si se sacrifica a gymnastica, os resultados que se obtêm são sempre mediocres. Assumpto de grande importancia e que requer a atenção do capitão, é a instrução de gymnastica dos empregados, isto é, ordenanças, officios, etc., os quaes pelo menos uma vez por semana devem fazer meia hora de gymnastica antes dos exercicios de pontaria, condução, manejos, marchas, etc.

Meia hora será sufficiente para praticar na barra duas ou tres flexões, passar da suspensão pendida ao apoio, subir nas cordas, salto em altura (80 a 90 cm.) sem impulso, salto em largura, precedido de corrida; de maneira que os estejam em condições de executar os satisfactoriamente.

Como estímulo e para que elles se exercitem por sua conta, convem conceder algumas vantagens aos que em melhores condições executarem os exercicios.

Succede geralmente que no exame de recrutamento os mais atrasados em gymnastica são os cabos e ajudantes de instrução, devido a situação que tomam como instructores theoreticos e por isso torna-se necessario obrigos a assistir a todos os exercicios de gymnastica e fazel-os tomar parte na instrução dos soldados promptos.

Em todo o caso, mesmo com pouco tempo disponível para fazer gymnastica, pôde-se manter os homens em boa posição do corpo, agilitude, elasticidade e boa musculatura nas escuras, unicamente com a pratica dos exercicios com e sem arma de que falla o regulamento e se a estes juntam-se alguns saltos, corridas nas cordas e flexões, jámais succederá que os homens percam a sua aptidão para a gymnastica.

De igual modo pôde-se proceder com a instrução de esgrima de bayoneta, a qual deve-se praticar alternando com a gymnastica ou para aproveitar o máo tempo; de maneira a não esquecer o que foi aprendido, ou para aperfeiçoar-o. Para isso deve-se praticar pelo método da guarda, saltos, passos, golpes bem dirigidos, mesmo sem adversario.

Tudo isso pôde-se repassar perfeitamente em uma hora, sem auxilio de muitos monitores, e sem o emprego de mascaras, luvas e outros meios de protecção.

O principal é que o instructor conheça e saiba ensinar esgrima.

Base geralmente como motivo para suspensão do exercicio de gymnastica, que elles iniciam os exercicios de gymnastica, que elles iniciam a razão de ser.

O unico caso que poderia ser prejudicial, seria quando pouco antes do tiro se praticasse a gymnastica e a esgrima, porém em taes circunstancias, não só a esgrima seria prejudicial como qualquer outro exercicio.

Isso se reflecte nas exigencias que a instrução de campo impõe ao soldado, se chegar á conclusão que só por meio da gymnastica se pôde conseguir bons resultados e que em

nenhum caso pôde ella ser um inconveniente para a instrução do tiro.

Poderia ser um inconveniente quando não se a considerasse como um meio para completar a instrução do soldado e si a praticasse de maneira incorrecta e sem despertar nos homens o interesse necessario.

Si em cada ramo da instrução militar se trabalha sem perder de vista os outros, considerando os muitos pontos de contacto que ha entre elles, como succede entre a gymnastica e o exercicio de pontaria, conducta do atirador no terreno, etc., desde logo se chegará á convicção de que para gymnastica pôde-se dispor de muito tempo, sempre que se economisa em outros em seu proprio beneficio.

(Continúa)

## A questão do uniforme militar

A alteração de uniformes do exercito.  
O uniforme através dos seculos.

O Ministro da Guerra, segundo referem jornaes do Rio e de São Paulo, nomeou ha dias uma commissão de officiaes, afim de estudar e organizar um plano de uniformes, que sirva para todas as armas.

Essa questão de modificação no plano actual vem sendo agitada ha já algum tempo, e a chegada da missão militar franceza de instrução, contractada para o nosso exercito, fez voltar a balha o caso, que vae ter agora definitiva solução.

No exercito, entre as varias questões militares que se prendem á reorganisação technica, a do uniforme surge periodicamente e constitue, — na classe e fóra, — motivo de prolongadas cogitações.

A technica militar, assim como novos modelos de armas e de uniformes, evoluem com a arte da guerra e só se justificam as suas alterações e adaptações, quando a ella fiquem subordinadas.

Cessada a grande guerra que revolucionou a essa difficilissima arte e de ermiou em curto periodo, tão grande salto, impunha-se uma acurada revisão nos regulamentos de instrução e em todos os demais serviços militares. O Ministro da Guerra brasileiro se antecipa, nesse sentido, aos de varios paizes europeus, onde ainda não cogitam desse assumpto.

No uniforme militar deve ser exigido o accordo da cor dos tecidos empregados em sua confecção com o fundo predominante da paisagem do campo de batalha mais provavel. E o clima de cada região requer o aproveitamento de um estofo que abrigue, eficazmente, o homem durante o inverno, e o premonha dos grandes calores, na estação calmosa. Ter-se-á, portanto, em vista, não sómente o clima do local da guarnição, como da região onde haja probabilidade de vir a tropa a operar.

Ha tempos, um illustre official combatente do nosso exercito, pela «A Defesa Nacional», trouxe, para a elucidação intelligente deste problema, varios alvitre e acertações considerações. Tivessem elles tido accitação por parte dos interessados, e estaria hoje, talvez, perfeitamente solucionada, a debatida questão dos uniformes militares.



Não é de hoje que este caso tem preocupado e continuará a preocupar a atenção dos chefes de exercitos, que procuram harmonisar as condições climatericas, diminuição de visibilidade, conforto e durabilidade, com a economia do orçamento, sem contudo pensarem na substituição da peça de uniforme, que, pelo tempo, se tornou tradicional na tropa.

Em nenhum outro paiz soffreu o plano de uniformes tão ameadas transformações como no Brasil. No actual regimen, foram elles varias vezes modificados ou novamente modelados, não ficando, por fim, nenhuma peça das que eram usadas no imperio.

Nos paizes onde, como no Brasil, existe um exercito com assignalados serviços de guerra, mesmo nas transformações radicaes do plano de uniformes, sempre é conservada alguma peça constituindo por assim dizer, elemento caracterizador da raça e da indole dos habitantes.

Nos planos devem ser conservados, mesmo através das modificações, uma peça de fardamento, cuja cor e feição sirva de attributo da propria nacionalidade brasileira.

Todos reconhecem ser indispensavel e urgente a concordancia na uniformidade que deve existir no trajar de todos os homens de armas do Brasil. Tropas de linha, auxiliares e reservas, devem ser vestidas de uma só cor geral, de um só estofado e de um só typo de corte, pois que, para differencal-os bastam os distinctivos adoptados.

Na frente principal da grande guerra só um padrão de uniforme foi usado. No entanto, na extensa linha de batalha irmanavam-se na luta, homens de diferentes nacionalidades, agrupados em exercitos. Parecia que, terminada a causa que os reunira, continuassem usando o uniforme simples e maneiro que alli adoptaram. Assim não aconteceu. Os soldados inglezes exigiram e obtiveram o uso do uniforme que vestiam antes da conflagração. A tradicional casaca vermelha voltará a fulgurar nas ruas de Londres, modelando e realçando o garbo dos rigidos militares britannicos.

A calça vermelha do «pion-pion» francez, tantas vezes condemnada pela sua extrema visibilidade, assim como a sua rutilante culote, continuarão a realçar-lhe os dotes de elegancia.

E' provavel que o capacete pontudo do prussiano, continue caracterisando a indole bellicosa do povo germanico.

Nesses paizes não houve coragem para abolir aquelles elementos do vestuario militar, por verem nelles, mais do que uma recordação de passadas glorias, a essencia da grandeza da propria terra onde nasceram.

Para o soldado brasileiro não é difficil encontrar uma peça do uniforme que lembre o seu passado de fulgentes glorias, por isso que, no estudo que proximoamente terá publicidade, ficarão apontadas as que podem servir ás nossas tropas, como elemento tradicional.

Já ficou dito que o uniforme se modifica e evolue, segundo as necessidades da guerra e, certamente, ha de elle soffrer no futuro tantas modificações quantos forem os aperfeiçoamentos introduzidos nas armas offensivas, na technica e nas regras empregadas nos combates modernos.

A historia do uniforme militar, dos paizes europeus, não alcança a mais de tres seculos. An-

teriormente o soldado vestia-se segundo o gosto e a cor que lhe agradava. Alguns corpos francezes, mantidos pelos senhores de feudos, ricos e poderosos, por um requinte de poderio e de grandeza, eram fardados de casaca da cor do estandarte de cada commandante. O resto do vestuario não tinha uniformidade alguma.

As tropas romanas, e mesmo os soldados gregos, usavam então uma unica peça de uniforme igual para todos, a qual, ora consistia no capacete ou na tunica, ora sómente no capacete. Contudo ninguém póde affirmar que esses soldados fossem obrigados a usar uma dessas peças como uniforme, tendo o mesmo typo e a mesma cor o que mais tarde aconteceu.

Os proprios cavalleiros que combateram nas «cruzadas», apesar do extremo luxo com que se vestiam, differencavam-se entre si tanto nos modelos, como na cor e nas qualidades dos estofos que adoptavam. Era sómente na tunica de malha e no capacete, que se notava alguma uniformidade. Sobre a malha era vestida uma tunica de seda, ornada segundo a fantasia de cada um. Portanto não se podia observar a uniformidade na peça que ficava occulta.

Nenhum traço de uniforme encontrava-se nos exercitos que, durante os seculos XIII e XIV, combateram em todas as regiões do Oriente e do Occidente. Apenas para differenciar as tropas dos varios paizes que combatiam juntos, ou de diferentes partidos belligerantes, usavam os soldados, sobre a vestimenta commum, cruzes, labartes ou mesmo um enfeite qualquer, para se distinguirem uns dos outros.

No seculo XVI usavam os soldados inglezes uniformemente, tunica branca com uma cruz vermelha na frente e atraz, e as tropas da Flandres se distinguiam das demais pela cor de suas cotas de armas.

Já algum tempo antes, no exercito allemão, nos corpos de todas as armas, com o fim de nelles implantar a disciplina, eram usados uniformes e equipamentos eguaes.

Apezar de ser ainda considerado como um distinctivo de domesticidade, começaram na Inglaterra, no seculo XV, a apparecer corpos perfeitamente uniformizados.

Carlos VI determinou, durante o seu reinado, que todos os soldados mantidos incorporados nas companhias britannicas, usassem a tunica da cor do estandarte do respectivo capitão. Os chefes dessa nacionalidade, fardados á custa dos grandes senhores, usavam tambem uniformes identicos e da mesma cor.

Começavam nessa época a emulação, a inveja e o ciúme entre as varias nações europeas, e se tratando de introduzir nos respectivos exercitos melhoramentos de ordem militar. Espavam-se mutuamente afim de se não deixar avançar pelo visinho, qualquer que fosse o ponto de vista em jogo. Logo que um aperfeiçoamento era adoptado por um desses paizes, era incontinente copiado e melhorado por outro.

Na França as tropas estrangeiras assaltadas pelo monarcha tiveram de usar, no seculo XVI, um uniforme afim de as distinguir das forças nacionaes, que ainda não o possuíam.

Os suíços usavam as cores dos respectivos cantões. Os suíços da guarda real, porém, tão justamente afamados pela sua fidelidade ao rei — eram rigorosamente uniformizados.



graciosa farda da tres cores: branco, preto e marrom. Tambem os escossezes eram fardados, igualmente de tres cores, as cores de escocia: azul, encarnado e pardo.

Os famosos soldados do Bando Negro, que lutaram em Merignan nas fileiras francezas, tinham uniformes de uma só cor.

Então, sabe-se que, nem mesmo entre os corpos de infantaria franceza ou ingleza, os famosos lansquenets allemães, assim como nos corpos independentes, se havia generalizado o uso de uniformes. E, allemães e ingleses estavam a esse tempo, sob o ponto de vista da uniformidade do vestuario militar, muito mais adiantados do que os francezes.

Na França, durante o reinado de Luiz XI, segundo a pittoresca descripção feita pelo bravo historiador, eram os soldados desse rei, «vrais gens de guenilles, plus habillés à la pendardise, la propreté, portant des chemises à longues et grandes manches, comme Bohêmes de France ou Maures, qui leur duraient vestues plus de six ou trois mois sans changer», enquanto os inglezes apresentaram, por occasião do cerco de Saint-Quentin, em 1557, um corpo de mil homens perfeitamente uniformizados e disciplinados.

Até ao reinado de Luiz XIII as primeiras idéas sobre uniformes militares, mas até Luiz XIV ainda não estavam elles generalizadas, pois nessa época muitos regimentos continuavam desprovidos, sendo que até alguns se apresentavam com as cores do respectivo coroa-

do. Foi a Louvois, em 1670, regular definitivamente esta questão tornando, por um decreto, obrigatorio o uso de uniforme para todo o exercito francez. O plano fôra por elle proprio elaborado.

Assinala esta época o maior progresso nos uniformes militares.

Na tropa que nesse anno foi empregada na conquista da Hollanda, vestia já o novo fardamento fornecido pelo governo, de que Louvois era o autor.

O uniforme da infantaria compunha-se de um casaco branco e azul, com largas abas forradas de vermelho, que desciam até quasi os calcanhares; de um collete branco, cullotes brancos, polainas, sapatos e de um pequeno chapéu lizo.

Na cavallaria differenciava-se sómente no chapéu, que era de pelle; ed uma pluma pendendo do chapéu e de grandes botas em substituição das polainas.

Na Allemanha, o rei da Prussia, pae do grande Frederico, inventára e introduzira no uniforme já existente dos granadeiros prussianos, o casaco e commodo bonnet de pelle, que não tardou em ser adoptado pelos militares vi-

vos. A revolução franceza encontrou o exercito francez ainda o que fôra regularmente em uso, com o acrescimo, sómente nas tropas de granadeiros a pé e a cavallo, do bonnet em uso nas tropas allemãs, das mesmas armas.

Os chefes da revolução conservaram para suas tropas de infantaria o uso do casaco azul e das polainas brancas, mas logo no inicio do Império foi modificada a cor azul da casaca, voltando a cor branca, porque não quiz o grande Napoleão utilizar-se dos productos da industria

ingleza, de onde provinha a tinta azul empregada nos tecidos. Dahi a adopção do casaco branco, distribuido ao exercito em 1806. Quasi immediatamente, porém, foi notado um grande inconveniente no seu uso; não era possivel aos *troupiers* francezes conservarem tal peça de uniforme na sua cor natural. Teve de ser promptamente substituida pela azul, após uma revista passada ás tropas pelo proprio Imperador. Notára elle nessa occasião, que já não havia mais uniformidade na cor dos casacos, porque cada soldado, segundo o seu gráo de asseio, apresentavam sua farda desde o cinzento escuro, até á alvura primitiva, quando não mostravam manchas de cores mais ou menos suspeitas.

O grande cabo de guerra soffreu com isso enorme e amarga decepção.

Pouco depois o general Junot adoptou para o exercito o elegante e mimoso Shako, que tanto adornava a cabeça do soldado gaulez. O shako passou triumphantemente, levado por esses bellicosos guerreiros, por todos os campos de batalha da Europa.

A calça vermelha, que, — como a tunica azul, — constitue até agora o elemento característico do uniforme francez, foi adoptada mais recentemente — em 1829, — afim de substituir a inconvenientissima calça branca, e tambem para favorecer a cultura franceza da *garance*. Assim veio, pelos tempos, a chamada calça *garance* a tornar-se, como que o complemento do vestuario symbolico do guerreiro francez. Com ella as tropas gaulezas lutaram por toda a parte, vencendo quasi sempre.

Qual é então a peça symbolica do uniforme do sempre heroico e glorioso soldado brasileiro? Que peça caracteristica, por excellencia, vestiam os guerreiros desta terra quando — desde 1770 — ufanos e audaciosos, abriam a golpes de inextinguível bravura, caminhos através dos Pampas e do mysterioso Chaco?

Tte-coronel Pedro Dias de Campos  
(Da F. P. de S. Paulo).

## A questão dos uniformes

O Ministerio da Guerra acaba de distribuir aos diversos commandos e direcções de serviços do Exercito um novo projecto de alterações no plano de uniformes, para que taes autoridades o estudem e sobre elle emitam parecer.

O processo é novo e merece ser destacado como de grande alcance para o fim collimado, pois dessa fórma o Exercito vai escolher o seu fardamento; e como, a proposito, a «A Defeza Nacional» honrou-me com a publicação de rapidas notas sobre o assumpto, volto a tratar d'elle, em face d'esse projecto.

As alterações propostas, se de um lado procuraram attender ao ponto de vista economico, com a suppressão da calça *garance* de galão dourado (a coisa mais anti-esthetica que existe, a meu ver) de



outro lado incidem no mesmo espirito insaciavel da novidade, com a creação anti-economica do cinto-talabarte de seda verde e amarella. Tão pouco se me afigura accetivel a substituição do modelo em uso pela tunica de flanela kaki, typo sobrecasaca. Esta só apresenta sobre a actual a vantagem de exigir maior area de tecido para cada individuo; a que está adoptada, com a pequena modificação esthetica a que naturalmente foi conduzida quando se lhe additou o cinto-talabarte de couro (um pouco mais de roda, alguma pollegada mais de comprimento) satisfaz perfeitamente aos fins a que se destina.

O 2.º uniforme proposto (kaki) que continuará a ser usado, pelo novo plano em perspectiva, com talabarte e cinto, segundo opinião quasi unanime entre camaradas e civis, causa pessimo effeito quando se lhe substitue a *culotte* ou calção (com botas ou perneiras) pela calça comprida *commum*. Parece, pois, deante d'essa impressão geral, que se deve abolir a calça definitivamente neste uniforme, para tornar obrigatorio nelle o uso do calção com perneiras ou botas. D'ahi resultaria a necessidade de permittir o uso do 1.º *uniforme bis* (denominação aliás complicada e desnecessaria) sem dragonas nem espada, em solenidades não puramente militares e á noite, como as que estão citadas á fl. 13 do projecto impresso, restabelecendo-se para estes casos o uso das actuaes platinas de metal, peça aliás que todos os officiaes possuem.

A creação da guia dourada, naturalmente dispendiosa, recae na condemnavel despreocupação do lado economico, quando o official do Exercito é e será sempre uma especie de eterno fidalgo arriçado...

Em vez d'esta guia dourada e do talabarte de seda, a mim se apresenta mais razoavel o uso das dragonas no 1.º uniforme do projecto. Pelo habito, a dragona daria o aspecto mais solenne ao uniforme de gala para as formaturas, além de ser peça que faz parte de outro uniforme e que todos os officiaes possuem.

Não posso comprehender que a espoura ou o esporim sejam usados por officiaes que estão a pé, transitando pelas ruas, subindo e descendo escadas, nos salões, etc.; só entendo a espoura para quem esteja a cavallo, para quem se apeie do ca-

vallo ou para elle se encaminhe com o fim de montar. Se me fosse dado regulamentar seu uso, eu faria pendurar as esporas no arreio, d'onde só sahiriam para o calçado quando chegado o momento de arriar o animal para montar.

A tampa inventada para cobrir os bolsos lateraes da tunica branca é uma banalidade.

Constituem, ao meu fraco entender, uma evolução: a creação do capacete de aço para as campanhas reaes, medida de defesa individual preconizada pela grande guerra europeia; a substituição do *kepi* americano pelo chapéo de feltro kaki para os exercicios da tropa, porque a quem nunca apanhou sol com qualquer *képi*, durante marchas demoradas, poderia negar-lhe a vantagem; a abolição da espada para apresentações individuaes e serviços ordinarios fóra de formatura.

Ainda para as campanhas reaes parece mais accetivel a adopção de perneiras de panno typo inglês ou typo norte-americano; assim como a suppressão da espada, que seria substituida pela bengala militar ou pelo pinguelim-bengala.

Para a luta é sabido, desde a guerra russo-jponesa, que não convem armar os officiaes com espada: a arma do official é a pistola e de grande calibre (nunca a *Perrabellum*, mas uma Colt como a que adopta o exercito norte-americano).

Convem ainda relembrar a necessidade de se decretar, ao mesmo tempo em que for adoptado o novo plano de uniforme, uma disposição irrevogavel que prohibisse a minima alteração d'esse plano dentro de um prazo nunca inferior a dez annos de experiencia (1).

Taes são as principaes conjecturas que julguei de meu dever apresentar á «A Defeza Nacional», que as publicará se assim entender de conveniencia.

Rio, 11 de Agosto de 1920.

Amílcar A. Botelho de Magalhães.  
Capitão de Engenharia

(1) *N. da R.* — Muito bem. Este é o artigo mais necessario em qualquer lei nova sobre uniformes. No mais, quasi podemos subscrever a opinião do digno collaborador. Não analysamos as pequenas divergencias porque está nos parecendo que essa tentativa de alteração de uniformes, destacando-se dentre tantas outras providencias mais urgentes, ficou liquidada com o ultimo decreto sobre a materia, o qual de modo geral sympathicamente consolidou o que existia, apenas incorporando uma ou duas coisas facultativas, da moda...



## O chapéu no uniforme de campanha

Não sei como ainda se falla em experimentar o chapéu para a sua adopção no uniforme de campanha, o de brim kaki, a paz ou na guerra.

É com elle que o nosso povo, por toda a parte, procura abrigar-se das soledades, no S. dos sopros regelados do inverno e em Matto Grosso dos ventos frios do sul.

Certamente é por ser «mais economico» diante das nossas extremas variações climatericas, que as populações o adoptaram de norte a sul, satisfazendo ás necessidades que elle tem de preencher.

O gorro americano, sem duvida mais pratico que aquelle a que substituiu, não protege a nuca e as orelhas, nos momentos em que a cobertura é mais necessaria; não protege o rosto (ou mais particularmente a vista) tanto tempo como o chapéu ou tão bem como elle.

O chapéu acabará com o malsinado calão, e permite a ventilação que o cobertor retira.

A defesa contra o calor ou contra os frios solares (que são os *principaes adversarios* a considerar), é que julga quotidianamente o gorro de uma insufficiencia manifesta aos fins primordiales a que se destina. Nas marchas é sentida a indefenição permanente em que se fica. Dir-se-ia que elle tem a finalidade de estabelecer, a horas calidas, uma atmosphera exterior, em torno da cabeça, apropriada a compensar o esforço desenvolvido pela actividade intellectual.

De todas as condições a que o *sombreado* tem de satisfazer, a victoria do gorro, sobre o seu competidor, talvez esteja na esthetica. Ella pôde preferir-o e faz-o preferir o chapéu, da mesma forma que elle faz a tracção da artilharia pelo cavallo vencer entre nós o tractor-muar. Verificadas porém as nossas necessidades e possibilidades permanentes, o «util economico», a simplicidade do chapéu sobrepuja o outro elemento e a sobriedade e resistencia do muar se impõe á nossa providencia.

Como uma homenagem á esthetica, o muar poderá continuar nos uniformes, mas não têm a satisfazer necessidades militares em nossa terra. Digo assim porque eu partidario de que deve desaparecer o muar, sendo esthetico, não allia as quali-

dades de «utilidade e economia», como carecem de ter as cousas de um exercito.

O typo do chapéu pôde ser o do *boy-scout*: aba larga e horizontal, e jugular.

Acredito piamente que de sua adopção o observador notará que resolvemos o problema auscultando a nossa situação e as nossas necessidades, jogando com os nossos valores e factores, e não nos inspirando apenas em copiar o que fizeram os que estavam em condições diversas, como se as alheias actuações fossem as que nos norteassem, ou impressionassem mais fortemente.

Em 7-6-1920.

1º Tenente *Manoel Carlos*

## Do emprego actual da artilharia

Conferencias feitas pelo Coronel Gros, em Marco de 1920. — Traduzido dos *Anales de la Escuela Militar de Montevideo*.

(Conclusão)

Ao começo da guerra os artilheiros de campanha hesitaram em empregar a prancheta de tiro, pois parecia-lhes que este aparelho devia reservar-se exclusivamente para a artilharia pesada; quando, porém, com o desenvolvimento da guerra de posição tiveram que fazer tiros de destruição das rédes de arame, tiros de barragem, tiros sobre objectivos instantaneos e, particularmente, quando tiveram que utilizar a observação aérea, tornou-se evidente para elles a obrigação de seguir o methodo geral de tiro indirecto que usavam os canhões pesados.

De posse de um plano director exacto, a artilharia, particularmente a pesada, pôde conseguir mais precisão na preparação de seus tiros, porque graças á possibilidade de uma avaliação exacta dos elementos topographicos do tiro, pôde considerar as perturbações introduzidas na trajetória theorica pelas variações produzidas 1.º nas condições atmosphéricas (vento, densidade de ar), 2.º nas condições balísticas (peso da granada, lote de pólvora, temperatura desta, desgaste do tubo).

*Correcções atmosphéricas e correcções balísticas.* — Levaram-se em conta as primeiras por meio das correcções atmosphéricas baseadas no conhecimento do peso do litro de ar e no do vento reinante, elementos essenciaes que influem na resistencia do ar e na direcção impressa ao projectil, e que eram subministrados diariamente até duas ou tres vezes pelo Serviço Meteorologico de cada exercito.

Quanto ás correcções balísticas que exigem as variações dos seguintes elementos balísticos supracitados, peso da granada, temperatura da pólvora, foram ellas feitas por meio de dados tomados nas proprias baterias, permanecendo desconhecidos e, por conseguinte, sem correcção os efeitos produzidos pela variação do lote de pólvora e pelo desgaste do tubo.



Devo insistir um pouco sobre um dos elementos topographicos a determinar, quero falar da direcção do tiro.

\*\*

*Direcção referencia («repère»).* — Este elemento deve ser determinado com muita precisão, especialmente quando se trata de tiros um pouco ao longe e sobre objectivos de pequenas dimensões. O plano director não basta, então, e torna-se necessario fazer uma verdadeira operação topographica, que consiste em estabelecer com grande precisão uma linha de referencia, assignalada no terreno, na proximidade das baterias, operação que está a cargo do official topographo do grupo de artilharia, às vezes, dos proprios «grupos de canoas de tiros».

Compreende-se, com effeito, que se a direcção do tiro não tem sufficiente precisão, o erro produzido na direcção conseguida para o objectivo pode dar lugar a um desvio consideravel, particularmente quando o objectivo está longe, o que se dará ao principio, donde as baterias que geralmente eram desprovidas de grande horizonte e empregando só o plano director tinham que referir-se, no que diz respeito á direcção, a pontas de referencia demasiado proximos.

Esta determinação precisa não retarda o tiro, porque se faz antes da chegada das baterias, isto é, durante o periodo de reconhecimento e após haverem sido determinadas as posições das mesmas, os accessos a essas posições e os postos de commando.

\*\*

*Preparação dos tiros.* — Os commandantes de baterias devem fazer a preparação dos tiros com o maior cuidado, porque, assim fazendo, abreviarão a regulação quando esta se effectue, o que é importante, porque: 1.º póde ser preciso fazer um tiro efficaç com a maior presteza possível, 2.º permite encurtar o tempo de trabalho do avião observador, que póde ser necessario para outros tiros e, finalmente, 3.º porque economiza munições na execução da regulação.

Além disso, uma cuidadosa preparação dos tiros torna possível intervir sem regulação, não obstante com efficacia sufficiente, em certos casos, como exemplo, nas concentrações de fogo, conseguindo assim um effeito de surpresa que sempre dá os melhores resultados.

A vantagem, porém, mais interessante de uma boa preparação é permitir a utilização de uma boa regulação durante dias desde o momento de sua execução.

Vejamos como:

A preparação para o primeiro tiro dado sobre um objectivo comprehende:

1.º A avaliação dos elementos topographicos (distancia e sitio do objectivo);

2.º Exame das condições proprias do tiro (especie de tiro, escolha de projectil, carga, etc.);

3.º A determinação dos elementos iniciais de pontaria, levando-se em conta as correções aerologicas e balisticas.

Uma vez completada a regulação, se tem conseguido para o objectivo uma distancia  $D$ , chamada distancia balistica do momento, a qual é differente da calculada na preparação, porque, primeiro: a distancia topographica de sabida, seja  $A$ , dada pelo plano director, póde ser um pouco erronea; segundo: as correções feitas, excepto

as do sitio e do peso da granada, não são muito exactas; terceiro: ficam sempre duas correções desconhecidas que se não podem fazer, as do lote de polvora e do desgaste do tubo.

\*\*

*Distancia corrigida («depurada»).* Seja  $C$  a somma das correções calculadas. A distancia  $D - C = D'$  chamada distancia corrigida, isto é, corrigida das condições do momento aerologicas e balisticas, representa a distancia que nos daria a regulação se se fizesse nas condições normaes das taboas de tiro, tomadas como base no calculo das correções praticadas.

Das causas de erro que não puderam ser tomadas em conta, uma, o desgaste do tubo, varia lentamente. Admittimos que não se muda o lote de polvora.

Então, para fazer outro tiro sobre o mesmo objectivo se tomará esta distancia corrigida, applicando-lhe as correções do novo momento, conseguindo, assim, a distancia balistica do momento, com uma precisão geralmente sufficiente. Isto permite, quando após cuidadosa preparação, se tenha executado uma boa regulação sobre um dado objectivo, batel-o efficaçmente em qualquer momento, tanto de noite como de dia.

\*\*

*Coefficiente  $K^0$ .* — Mas da correção resta ainda melhor: é permitido utilizar o resultado de uma boa regulação sobre dado objectivo para o tiro sobre outros situados em redor do primeiro, sempre que não mude o lote de polvora e que a nova distancia do objectivo seja comprehendida entre os  $\frac{3}{4}$  e os  $\frac{4}{3}$  da primeira.

Nestas condições, a experiencia demonstra o effeito, que a distancia corrigida fica sempre proporcional á distancia topographica, isto é, o coefficiente

$$K^0 = \frac{D'}{A}$$

é constante.

Então, para um objectivo de distancia topographica  $A$ , teremos logo como distancia corrigida

$$D' = K^0 \times A,$$

Poderemos, assim, com um simples traçado de tiro, bater, sem regulação previa, todos os objectivos que se apresentem nos arredores do ponto de regulação.

Por extensão a este processo tão vantajoso as baterias encarregadas de bater uma certa zona quando chegam á sua posição, executam logo, dispõem de tempo e salvo ordem contraria, as regulações preparatorias necessarias sobre toda a zona, de maneira a ficarem, com estas regulações uma vez corrigidas, em condições de poderem tomar sob seu fogo qualquer outro objectivo que se mostre, applicando o coefficiente  $K^0$  do ponto de regulação mais approximado da distancia topographica do objectivo e corrigido a tambem dos effeitos das condições aerologicas e balisticas do momento.

Podem, tambem, executar tiros de concentração bastante exactos sobre pontos determinados sem regulação previa que poderia chamar a attenção do inimigo sobre nossas intenções, respeito dos ditos pontos.



tambem é que se pôde, quasi em silencia a 2 ou 3 regulações por bateria, mente feitas, preparar para uma hora tiros de neutralização ou de demolição das inimigas que, por não haverem sido até essa hora poder-se-iam julgar ignorando o que se consegue a tão procurada sorte.

As regulações são um pouco velhas para manter a confiança nellas, ou a precisão dos canhões, pois é sabido que a precisão varia com o estado das raías, e tambem, que considerar a mudança de pólvora, inevitavel em um dado momento que exige de modo absoluto quando dá que se façam novas regulações.

\*\*

*testemunha.* — Para haver maior facilidade esta verificação imaginou-se fazer a inerte, por intermedio de um *alvo teste-*

geral com effeito, as regulações preparadas sobre objectivos reaes que tem batidos depois e provavelmente que desapparecer por sua propria destruição. Não são muitas vezes, dos observatorios terrestres e aviões, não só para executar a regulação primitiva, como para fazer as verificações. De modo que é muito proveitosa, ao fazer esta ultima operação ou objectivo já tenha desaparecido ou se não fazer uso do avião, o que é sempre quando não é necessário.

Para-se, então, dentro das condições das acima referidas, um ponto do terreno visível dos observatorios terrestres e sob objectivo auxiliar, que constituirá o citado *alvo testemunha* se fará uma regulação completa immediatamente depois de cada uma das regulações de preparação. Regula-se o resultado, como acima se disse, e a distancia corrigida de B' consequente para o dito *alvo testemunha*. Quando se trata de fazer a verificação, sómente com o auxilio de observatorios terrestres uma regulação sobre este *alvo*, applicando-se antes a B' as correções das condições do momento, para o tiro.

Em vez de achar B' se acha B'' depois de se gir o resultado, sendo

$$B'' = B' + E''$$

que adoptar para a nova distancia corrigida do primeiro objectivo, o valor

$$D'' = D' + E'' \times \frac{D'}{B'}$$

Este processo foi muito util durante as preparações dos ataques de 1916 e 1917 nos quaes regaram até dez dias, afim de se conseguir a destruição completa das poderosas defensas inimigas.

Com effeito, com effeito, abster-se do auxilio do avião quando era necessaria a verificação de regulação e que o dito avião não pôdia vir, por dever attender a outras baterias, quer pela má do tempo, e permittiu, tambem, a urgencia, continuar os tiros de destruição quando faltavam os dados, atrasados do serviço meteorológico.

Este ultimo caso suppõe, o que não é demonstrado, mas é possível de ser admittido a rigor, nestes casos urgentes, que **todo o conjunto das correcções é proporcional á distancia de tiro.**

Basta, então, considerar as distancias dadas pelas regulações sem corrigil-as. Se B, é a nova distancia conseguida pela regulação de verificação sobre o *alvo testemunha*, tendo-se  $B = B' + E$ , teremos para a distancia balística do momento do primeiro objectivo.

$$D = D' + E \times \frac{D}{B}$$

\*\*

Destulpar-me-eis por me haver estendido um pouco sobre esta questão do tiro indirecto, mas assim fiz porque esse processo é o que mais caracterizou o emprego da artilharia na ultima guerra e porque, alem disso, constituiu o factor mais importante e mais effizaz na tarefa imensa que foi imposta aos canhões, a tal ponto que, para o futuro emprego, permanecerá como processo de tiro obrigatorio e geral para toda especie de artilharia.

Tenho terminado por hoje.

## Parada de 7 de Setembro

As nossas forças de terra e mar realizaram com brilho a sua classica homenagem á data da nossa independencia.

Da parte do povo houve enthusiasmo e interesse pelo successo da exhibição militar e da parte das tropas houve desejo e esforço para apresental-o.

Dentre as sociedades de tiro a de n.º 5 revelava um treinamento satisfactorio e um desembaraço de tropa veterana.

Da marinha, posto de parte o contingente italiano que nos honrou com sua presença, destacou-se o apreciado *Batallão Naval*, sempre empolgante pelo seu capricho e pelo effectivo das suas bayonetas.

A Brigada Policial apresentou-se com uma apparencia uniforme, cadencia viva e energica, vistoso fardamento e forte effectivo; as metralhadoras e a cavallaria destacavam-se no bloco homoganeo e alvo da infantaria miliciana.

Na tropa do Exercito a infantaria, com effectivos reduzidos, teve contra si as mesmas faltas que assignalamos no anno passado; abusou um pouco do *marcar passo* á espera da *manobra* da musica.

As tropas montadas continuavam sacrificadas pela andadura do desfile, o passo. A artilharia especialmente toma um aspecto tão lugubre e monotono, que cansa os observadores e os impede de apre-



ciar a prova de trabalho quotidiano que aquella simples marcha significa...

O *desfile* de um dos grupos de canhões foi, além d'isso, prejudicado por culpa dos que lhe iam á frente e que o fizeram parar exactamente entre as bandeiras.

Da engenharia os pontoneiros definiram-se melhor aos olhos do povo—os seus novos barcos dão idéa mais exacta da função.

A cavallaria apresentou a cavallhada com bom aspecto e os homens mostravam-se seguros e com naturalidade.

Como era preciso que fosse, exactamente como devia ser, sobresahiu a todas as tropas que formaram, e sobresahiu incisivamente, de modo a não deixar duvidas—a Escola Militar. Desde o primeiro até o ultimo elemento de qualquer das armas—apresentaram-se irreprehensíveis.

Na cavallaria os ousados ginetes, dextros e elegantes, de penacho ao vento, despertaram grande enthusiasmo e contribuíram para o brilho do sequito presidencial.

A infantaria com um garbo inexcédível, apresentou seus pelotões como laminas rijas se deslocando e provocou uma verdadeira ovação das archibancadas e do publico em geral—foi a força que colheu mais vivo applauso da multidão.

A artilharia e engenharia igualmente correctas, admiráveis mesmo, revelavam grande capricho; foram menos applaudidas porque o povo estava cansado de festejar a infantaria.

E' certo que, sem distincção de armas a Escola Militar brilhou—brilhou realmente. Labor omnia vincit.

Estavam escriptas estas leves notas quando sahiram a publico os reparos pelo Sr. General cdt. da 1.<sup>a</sup> D. E. dados ao conhecimento das tropas.

S. Ex. traçou a sua critica, prompta e segura, de um ponto de vista geral, encarando mais a influencia que a conducta de cada unidade de tropa, como um elo da cadeia, exerce sobre a impressão do conjuncto. Esta é realmente a que mais deve preoccupar em exhibições de semelhante natureza. Os detalhes que a asseguram implicam a perfeição da conducta individual de cada fracção de tropa, só perceptível aos *entendidos*.

Ao contentamento geral causado pelo grande exito da parada deve-se juntar, para os militares, o que resulta deste exemplo dado pelo Sr. General cdt. das tropas de não ter deixado de bandar a formatura sem tirar-lhe ensinamentos para que de futuro tal prova corra melhor ainda.

## Os amplificadores e as comunicações militares

Os amplificadores, ou, antes, as lampadas tres electrodos constituem uma verdadeira maravilha em relação á solução do problema das comunicações militares.

Elles permittem:

1.<sup>o</sup> — Emitir signaes radiotelegraphicos e fazer a telegraphia pelo sólo (T. P. S.).

2.<sup>o</sup> — Emitir a palavra articulada (radiotelephonia e telephonia pelo sólo — T. P. S.).

3.<sup>o</sup> — Receber signaes radiotelegraphicos pelo sólo — T. P. S.

4.<sup>o</sup> — Receber a palavra articulada (radiotelephonia e telephonia pelo sólo — T. P. S.).

5.<sup>o</sup> — Amplificar quaesquer signaes telegraphicos ou a palavra articulada, sendo esta propriedade que permite empregar a como captadora de despachos quaesquer emitidos por estações radiographicas, radiotelephonicas, telegraphicas e telephonicas communs, assim como fazer a telegraphia e atelephonia pelo sólo (T. P. S.), — empregada com tão absoluto successo na ultima guerra.

— *Ligeiras idéas sobre a sua theoria* — Pelo effeito Edison sabe-se que, n'um gaz rarefichado o metal aquecido emite *electrons* negativos, e que a quantidade destes é rigorosamente proporcional ao aquecimento do metal, dentro de certos limites.

Si pois, dentro de uma lampada de filamento metalico introduzimos, em frente a ella, uma placa de platina, porém, carregada positivamente (pela sua ligação ao positivo de uma fonte electrica, por ex.), esta placa atrahirá *electrons* negativos emitidos pelo filamento aquecido e si ligarmos o negativo da fonte, ao positivo alimenta a placa, ao circuito do filamento, uma corrente estabelecer-se-ha entre o filamento e a placa, guardando uma constancia absoluta desde que o aquecimento do filamento e o potencial positivo da placa se mantenham constantes.

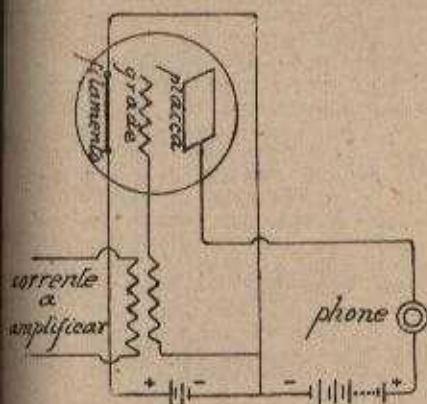
Si puzermos intercallada n'uma antena a lampada, de forma que as ondas hertzianas (correntes alternativas de alta frequencia) captadas pela antena venham modificar essa constancia, comprehende-se, que dar-se-hão variações correspondentes na corrente electronica — lamento-placa —; si tivermos collocado um phone revelará essas condições, pois é sabido que conductor entre o filamento e a placa, este phone revelará essas modificações pois é sabido que uma corrente continua permanente só começa a atrahir a placa vibratil do phone na ligação, solta-a na ruptura do circuito, ao passo que com aquellas variações obtem-se oscillações e referida placa, de conformidade com as oscillações da corrente electrotonica occasionadas pela passagem da corrente alternativa oscillatoria, que é a onda hertziana.

Fleming aproveitou o phenomeno para receber com a sua — valvula — ondas hertzianas mais ou menos amortecidas. Então, sua lampada recebia os signaes, em nota musical ou não, com a altura correspondente ao numero de *trens* de ondas por segundo, emitidas pela estação transmissora.



um progresso isto, mas o caminho d'este para a perfectibilidade; dahi a evolução marcha para a lampada de tres electrodos, aperfeiçoada cada vez mais.

Concebemos, como vamos abaixo, entre o filamento e a placa, um electrodo mais, a que damos um potencial ligeiramente negativo, ter-



ando no interior da lampada em zig-zag, em belice, ou ainda em chapa perfurada, temos a grade, formando o conjunto a lampada de tres electrodos, maravilhosa, com uma de applicações, das quaes só citei acima as principais, encarando apenas o ponto de vista seu aproveitamento para as communicações de relação.

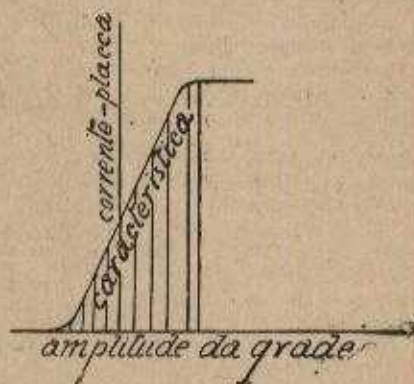
Consequencia desse novo elemento da lampada — a grade — é a seguinte: se ella tem potencial levemente negativo (que lhe é dado pela sua conexão ao negativo de uma fonte externa, que pôde ser a que alimenta o filamento), quando o filamento estiver aquecido a placa com potencial positivo, a um dado momento corresponde uma dada corrente electrica filamento — placa, menor do que a que se daria, se não houvesse interposta, a grade, pois esta sendo levemente negativa, repelle alguns electrons que se dirigiriam para a placa, se não estivesse a grade interposta.

Esta grade está no secundario de um transformador, como vemos na figura 1, onde o primario está no circuito que recebe a corrente de foras (convenientes); a grade quando tem potencial levemente negativo), deixando, portanto, passar ao circuito ionizado filamento-placa nenhuma (se o aquecimento do filamento, potencial positivo da placa e o negativo da grade, é facil comprehender-se que a variação de amplitude recebida no primario, positiva, ora negativa, d'onde a grade es- tora positiva, ora negativa (pois que ella responde uma amplitude maior, no secundario da bobina facilita a passagem de electrons do filamento para a placa e, quando negativa, difi-

cilmente, concebe-se que a placa vibratil do phono de accordo com as oscillações, dando uma serie muito rapida de vibrações, funciona a lampada como um verdadeiro relays, sem inercia de peças mechanicas que os relays communs apresentam, mas sim rigorosa, obedecendo instantaneamente a qual-quer variação de corrente.

Eis em que consiste a lampada de tres electrodos e explicado de um modo geral como funciona ella.

Ella possui uma caracteristica, dada pelas condições de seu fabrico e esta caracteristica é expressa por uma curva da forma abaixo. Si trabalharmos com o aquecimento correspondente ás partes de inflexão da caracteristica, a lampada é apenas detectora, pouco ou nada ampliando; si porém trabalharmos na parte rectilinea da caracteristica, a pequenas variações de amplitude da grade, correspondem grandes varia-

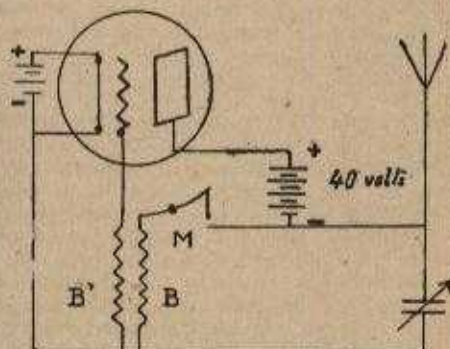


ções de corrente no circuito filamento-placa-phone, dando isto logar á — amplificação — revelada pelo phone.

Como vemos, ellas podem trabalhar como detectores rectificadores e como amplificadores. A segunda curvatura da caracteristica corresponde á saturação, isto é, quando nada adianta augmentar-se o aquecimento do filamento, em relação á amplificação.

Vejamos agora como podem estas lampadas tambem — emittir — ondas electromagneticas sustentadas, isto é, sem amortecimento.

Basta fazer-se a montagem de seus circuitos da forma abaixo; então, ao fechar-se o circuito da pilha que alimenta a incandescencia do fi-



lamento, começa a emissão continua de ondas de amplitude sempre eguaes, isto é, sustentadas como vamos ver.

Logo que é fechado o circuito do filamento é emittida a primeira oscillação, que percorre a bobina B, que está no circuito da pilha da placa; esta primeira oscillação induz na bobina B' uma corrente que vae modificar o estado electrico da grade que (se a polaridade da pla-



ca e os enrolamentos das bobinas são os convenientes) deixará passar nova corrente do filamento para a placa que irá substituir a energia despendida na irradiação precedente pela antenna, repetindo-se isto enquanto estiver a lampada com seu filamento incandescente, gerando-se assim as ondas sustentadas, de comprimento proporcional aos característicos dos circuitos oscilantes e irradiador da antenna, onde a lampada trabalha.

Para telegraphar, não se tem mais que, em *M*, collocar um manipulador e darem-se os fechamentos curtos e longos de circuitos para terem-se os pontos e traços do alphabeto «Morse», em ondas sustentadas.

Para telephonar, com esse mesmo dispositivo *B*, metter em derivação com algumas espiras de *B*, metter em derivação com algumas esferas deste fallar-se, para que a estação que dispuzer ta fallar-se, para que a estação que dispuzer de montagem de lampadas, e circuitos syntonizados, pelo menos a 2 %, e que esteja situada até 40 km., mais ou menos, receba perfeitamente as palavras articuladas na estação emissora, em frente ao microphone.

As variações de amplitude das ondas emittidas na estação de onde se falla, (por effeito da vibração da voz no microphone, ocasionando variações de correntes derivadas por esse microphone e portanto variações de indução sobre a bobina *B'*, da grade, donde a variação de amplitude da corrente filamento-placa e da onda emittida pela antenna irradiadora), bastam para, na estação receptora, fazer com que a placa vibratil do phone vibre com maior ou menos amplitude, donde reproduza aquellas variações de amplitude, reproduzindo, portanto, a voz.

O mesmo não se dá quanto á telegraphia, quando se applicam estas ondas sustentadas para emittir, em relação á facilidade da recepção; como vamos vêr, a montagem para serem recebidos signaes telegraphicos por ondas sustentadas é mais complicado.

Com effeito, as ondas sustentadas emittidas pela estação emissora, quando fechamos o circuito da pilha da placa para enviar um ponto «Morse», por ex., tendo sempre a mesma amplitude, o mais que farão, ao chegarem na estação receptora, pela sua alta frequencia e pela inercia da placa vibratil do phone, é manterem esta n'uma posição intermediaria entre as posições que a placa tenha nas ligações e nas rupturas da série de pequenas correntes, sempre do mesmo sentido, em que fica transformada a corrente de alta frequencia, rectificada no circuito de recepção filamento-placa-phone —, nada se conseguindo portanto perceber no ouvido.

Para se contornar esta difficuldade foi que surgiu o methodo de recepção que constitue a — *heterodynia* — que pode ser obtida por meio mecanico (*tickers*), ou electricamente, com essas mesmas lampadas de tres electrodos.

Por este processo de recepção, consegue-se cortar o trem continuo de ondas sustentadas, em um certo numero de *trens* por segundo que seja compativel com a nossa faculdade de ouvir, isto é, que não forme numero de vibrações por segundo, superior ao que em nosso ouvido é recebido como som.

Para isto monta-se junto á estação que está recebendo ondas sustentadas, continuas, um dispositivo emissor de ondas, tambem sustentadas,

chamado — *heterodyneo* —, que tem a montagem do schema da fig. n.º 3, em que a antena, porém é substituida por uma *self* variavel, para obter-se uma gama musical, a vontade, na estação que recebe.

Por esta forma, si estivermos recebendo ondas sustentadas de um certo periodo, não temos mais que emittir, com o nosso *apparil heterodyneo*, ondas tambem sustentadas de periodo um pouco menor que as que estão sendo recebidas, pois, então, a *interferencia* que se dá entre as ondas recebidas e as emittidas pelo nosso pequeno posto *heterodyneo*, tem um resultante, produzir-se um phenomeno compondente ao que em acustica é conhecido pelo nome de — *batimentos* —, repetindo-se o *batimento* em periodos de tempo eguaes á differença entre os comprimentos das duas ondas, o que trará como consequencia podermos dar altura que quizermos á nota musical produzida no phone de recepção, pelo numero de vibrações por segundo, ou aqui, pelo numero de *batimentos* por segundo, pois nós podemos, variando a *self*, ou o condensador de nossa montagem oscilatoria, emissora, local, escolher o comprimento de onda emittida localmente, a *interferindo* com a recebida, (do correspondente de quem recebemos), vae dar a nota desejada em *batimentos* por segundo e portanto, as vibrações por segundo, na placa vibratil do microphone.

Assim, até podemos aproveitar esta facilidade de escolher a nota musical a receber por um monotelephone, isto é, um phone com placa vibratil em resonancia com a onda que escolhemos para receber, por *batimentos*, só no do nossa estação, ou antes, nosso phone affectado praticamente, por signaes vindos de qualquer estação, com exclusão absoluta de outra qualquer *de atmospherics*, etc.

Vimos pois, as tres formas mais communs de ser utilizada essa lampada, isto é, como *receptor*, como *amplificador* e como *emissor* de ondas.

Conhecendo eu o quanto de suas propriedades tirou-se partido na ultima guerra, para a telegraphia, para a telephonia, sob todas as suas formas, para a telemecanica sem fios, como impressão dos signaes radiotelegraphicos em um *apparilho* «Morse» commum, a direcção do *apêdo* e aeroplanos por ondas hertzianas, e encetei experiencias praticas, fóra do laboratorio, já com essas lampadas no Arsenal de Guerra, penso poder affirmar que só precisamos; agora, importar essas lampadas para fabricarmos os nossos *apparilhos* de campanha que mimem as mesmas, pois ellas não offerecem mais segredos para nós, sendo sua montagem mais simples.

Realmente, com os nossos *apparilhos* telephonicos fabricados por nós no Arsenal, tendo obtido a telephonia e a telegraphia sem fios para pequena distancia, assim como a telephonia e a telegraphia pelo solo, adaptando-se aos nossos essas maravilhosas lampadas de tres electrodos, parecendo isto indicar-nos que devemos aproveitar d'esse meio superior de communicações de relações para ligar postos avançados, fortes e fortalezas, todas as tropas dentro de uma Divisão de Exercito, o posto de observação ás baterias de fogo, ás patrulhas de *vallaria* independente aos centros de informa-



e ao grosso, os aviões aos quartéis gerais, etc., pois o facto de serem as ondas sentadas, permitem uma sintonia tão apertada que as diferenças de 2% de comprimento de onda fazem que as estações não se perturbem, podendo-se tirar partido d'isto para fazer o que na guerra europeia se fez, isto é, fazer verdadeiras rédes de radios para cada um das unidades que devemos estar ligadas ao radio, rédes estas caracterizadas pelo comprimento de onda com que o grupo trabalha; França, por ex., tinha uma rede para aeroplano, uma para o serviço radiogoniométrico principalmente para localizar os Q. G. inimigos, etc., cada uma trabalhando com sua onda, formas a não se perturbarem. A forma a não se perturbarem. Usamos esse bello exemplo!

20 de Julho de 1920.

Cap. Flavio Queiroz do Nascimento

## Do R. E. I. francez de 1920

### RELATORIO AO MINISTRO

*Considerações geraes.* — Mais uma vez a natureza mostrou que, em ultima analyse, a victoria pertence ao adversario mais duro, mais firme, ao que mantém até o fim o moral mais elevado.

Percebeu, igualmente, que esta vontade de vencer é indispensavel ao exito, não determinaria, porém, a victoria, sem apoiar-se num material consideravel e aperfeiçoado quanto o permitia a mobilisação total dos recursos do paiz. Tal sua importancia que, no decurso da campanha, cada belligerante se esforçará constantemente por garantir-se as vantagens de um material superior ao do adversario.

Emfim, a espera, após cada batalha, a longa espera durante a qual — á retaguarda dos exércitos — que se apalparam e de continuo melhoraram suas posições — toda a nação, num avido esforço, creára ou aperfeiçoára o material com que se tentado um novo esforço.

De facto, o curso de uma guerra se signallinga por tão formidavel desenvolvimentos das armas já conhecidas, nem por tão contravel sobrevir de meios apenas suspeitados. Resultou, consequentemente, que os processos de combate, modificaveis em virtude dos progressos do armamento, foram sujeitos a uma constante evolução.

Adavia, se os methodos tacticos variavam sem cessar, a missão da infantaria no campo da batalha ficou sempre a mesma: conquistar o terreno e conservá-lo.

A experiencia da guerra provou claramente que, para desempenhar essa missão, a infantaria não podia combater sósinha e que, para assegurar o rendimento maximo do material, lhe era indispensavel o apoio das outras armas.

Por isso, ainda serão precisos muitos annos de estudo para descobrir-se e esclarecer definitivamente todas as lições da guerra. Mas as inspições que o grande Quartel General elaborou durante as operações, inspirando-se nos novos methodos que se produziam, extractaram os elementos que elles comportavam, assegurando a evolução racional dos nossos methodos tacticos.

Desses documentos, os ultimos constituem, pois, com razão, as bases do novo regulamento, de evidente necessidade.

Por outra parte, num exercito que deve o que tem de melhor ás lições masculas e ás bellas tradições dos seus antepassados, não ha-de temer inspirar-se nos textos que o formaram.

A este proposito merece especial menção o Regulamento de 12 de Junho de 1875. Redigiram-no officiaes que voltavam da guerra sendo muito para notar ver-lhe inscripto, á frente dos principios geraes que apresenta como verdadeiros axiomas, a importancia preponderante do fogo como meio de acção.

Essa verdade, que impressionára a Comissão de 1875, de tal modo a tomá-la como ponto de partida de todas as suas deducções — confirmou-a brilhantissimamente a experiencia da ultima guerra.

Os regulamentos que se seguiram ao de 1875 — por isso mesmo que as reminiscencias da guerra se apagavam e se exercia cada vez mais a influencia artificial das experiencias de polygono e das manobras sem tiro real — não lhe deram, a essa verdade, o logar predominante em que convém hoje restaurá-la.

Cumprir meditar nesse facto, donde se aproveita esta lição: que ha serias razões para admitir que os regulamentos oriundos da guerra são muito proximos da realidade. Importa, como consequencia, só modificá-los na medida em que o autorise a constante preocupação de inspirá-lo mais estreitamente nos ensinamentos que um estudo aprofundado da guerra permittirá pouco a pouco desvendar.

Sob tal fundamento, o novo Regulamento, que se esforça, quanto é agora possível, em compendiar os ensinamentos da campanha, não deve ser modificado senão debaixo da mais advertida attenção.

*Importancia preponderante do fogo.* — De ora em diante o fogo deve retomar toda a importancia que lhe haviam attribuido, como meio de acção, aquelles que serviram a guerra de 1870. Após a enumeração dos dous elementos, cuja combinação constitue a manobra elemental da infantaria — o fogo e o movimento, convém ajuntar, com o Regulamento de 1875 — que «a acção do fogo é preponderante».

Não é mais apenas «qualquer ataque em formação densa» que «o poder do armamento actual impossibilita em terreno descoberto» (1); mas qualquer progressão, mesmo em formação muito tenue, se o terreno puder ser efficaçamente batido. Tornou-se tal o poder do fogo da infantaria, que nenhum terreno, ainda quando vasto de defensores, pôde mais ser atravessado, sem grandes perdas, enquanto subsistirem grupos de combate, usando as suas armas e dispostos a defender-se com energia.

Para que o movimento seja possível em semelhante terreno, ha-de o defensor ser mantido sob fogos de destruição ou neutralização de um tal poder, que permittam á infantaria do ataque que acercar-se do defensor antes de lhe ser possível utilisar com efficiencia seu armamento.

Fala-se dos fogos de artilharia, da propria infantaria, dos seus engenhos de acompanhamento, ou dos seus carros blindados — meios

(1) Serviço em campanha de 2 de Dez. de 1913, art. 97.



por via de cujo emprego, parcial ou conjuncto, se buscará, numa dosagem a resolver em cada caso particular, destruir ou neutralisar o inimigo.

Admitte-se, porém, que uma tropa não se moverá ás vistas do adversario, enquanto elle se mantiver dono do seu fogo.

Uma progressão fracamente apoiada e, com bem mais razão, sem o apoio da artilharia, só poderá tentar-se contra um inimigo em condições de inferioridade, moral ou numerica, muito claras; e terá então de effectuar-se por grupos ou fracções, de força variavel consoante o caso, que procedam por infiltração, utilizando, no maximo, os caminhos favoraveis e reduzindo successivamente as ilhotas de resistencia.

*Só o movimento é factor decisivo.* — Consagrar de qualquer modo o fogo em detrimento do movimento, seria exaggerar as consequências do principio de sua preponderancia, porque são inseparaveis esses dous factores da manobra.

Se o fogo deve ser levado ao seu maximo de poder e violencia, é para tornar possível a marcha para a frente. Só o avanço permite a conquista do terreno e a redução do inimigo — penhores certos do exito e objecto definitivo para o qual devem volver-se incessantemente os esforços de todos.

A marcha para a frente deve realizar-se desde que o fogo a permita com pequenas perdas, sem esperar-se a destruição completa ou a neutralisação absoluta dos órgãos da defesa, mesmo porque a certeza de o já ter conseguido integralmente nunca é possível, qualquer que seja o poder dos meios postos em acção.

Animados de um espirito offensivo sempre alerta, constantemente prestes a empenharem-se e a partir a fundo desde que um exame bem fundado da situação lhes revele a possibilidade, a infantaria e os seus órgãos de acompanhamento não se deixarão nunca deter pelo terror de algumas perdas, cuja evitação integral será sempre chimérica.

Taes as idéias que devem agora presidir á organização e á tactica das unidades de infantaria.

(Continúa)

## Remonta

Os caracteres e qualidades do equino para os serviços do exercito não são facilmente apreciaveis, permitindo julgamento definitivo por um juiz. Não nos consta, mesmo, que exista em qualquer parte do mundo um schema ou padrão onde se achem enquadradas tantas e tão subtilezas. Nem por isso, certamente, deve ser proscripta semelhante cogitação entre as multiplas particularidades a serem encaradas e esboçadas, com a possível nitidez, na pesquisa constante dos mais essenciaes attributos do cavallo de guerra.

Para a orientação desse desideratum, ainda conviria a constituição do Conselho Director de Remontas, anteriormente re-

ferido, cujo presidente deve ser o Inspector Geral de Remontas, funcionando com caracter de permanente. Este CONSELHO pôde ficar incumbido tambem de organizar os cursos hippicos e de remonta, fixando com precisão, as condições a que deve satisfazer os animaes apresentados (são as do cavallo para o exercito).

Quanto á epoca das compras, paremos que devem ser effectuadas no outono. Em cada circumscripção de remonta, seja nas zonas de producção e criação, seja nas sédes dos DEPOSITOS, serão os animaes apresentados, mansos e mansos de baixo (manuseados), submettidos ao exame da commissão de compras.

Essas commissões reunir-se-ão a 1 de Fevereiro, nas circumscripções correspondentes, e funcionarão até 30 de Abril. Realizada a compra, o pagamento deve ser effectuado 30 dias depois do recebimento, praso necessario e sufficiente para julgar se os animaes adquiridos soffrem de defeitos ou doenças redhibitorias.

Nessa occasião, os potros e potricas, com 4 annos completos, serão immediatamente recolhidos aos DEPOSITOS no tempo mais conveniente (fim de tomno) para serem amansados e iniciarem o tratamento intelligente: penso, trabalho intenso, treinamento, etc. Como medida de economia, limitamos, assim o tempo de permanencia nos DEPOSITOS a sete mezes (Maio a Novembro), devendo a entrega dos animaes ser feita aos corpos em Dezembro do anno da compra, portanto com 5 annos completos.

Durante o periodo que os animaes nelle passarem receberão alimentação intensiva, com a gymnastica relativa, penso imprescindiveis. Nos DEPOSITOS, cujo effectivo em animaes não deve exceder de 500, para não difficultar demasiadamente os serviços, haverá uma turma permanente de domadores escolhidos, podendo ser de praças engajadas sujeitas ao regimen militar.

Se os animaes forem comprados com 3 annos, para permanecerem 2 nos DEPOSITOS, sobrecarregaremos muito as despesas, sem palpaveis vantagens.

A methodisação da criação e a eficiencia da producção nacional, como a PRESCINDIVEL GARANTIA DE MANEJO, e, sobretudo, as exigencias da defesa nacional, impõe, OBRIGATORIAMENTE, que, em tempo de paz, os a-



es necessários ao exercito sejam comidos só no paiz.

Todos os reproductores — machos e fêmeas — pertencentes ao M. da G., M. A. ou a particulares, submettidos ao nome do Conselho de Remontas, uma vez approvados, serão registrados em livro especial do referido Conselho e dos DEPOSITOS da circumscripção correspondente.

O M. da G. só comprará animais e andos desses reproductores e, para essas produções devem ser igualmente criptas (registradas) dentro de dois meses após o nascimento. Também é especial manter em dia a estatística da população equina, discriminados os nomes dos criadores.

O funcionamento regular do processo proposto, só é viavel seis annos após a data da sua promulgação. Depois deste tempo, nenhum animal poderá ser adquirido para o exercito preterindo os que estiverem registrados e satisfaçam as devidas condições.

Major Platinco de A. Brasil

## Le revers de 1914 et ses causes

É um livro impressionante onde o seu autor, o Sr. Coronel de Thomasson, se revela um homem de espirito — desenvolvendo-se especialmente em dois aspectos que o orgulham: boa fé e imparcialidade. A leitura desse livro é um ensinamento muito util para nós, especialmente para os nossos politicos e administradores. Somos felizes em poder colher a experiencia de um povo semelhante ao nosso (pelo menos nas camadas superiores) e mais felizes seremos si das conclusões observadas tirarmos ensinamentos que nos dê a persistencia em erros também semelhantes.

Para dar uma idéa do «Le revers de 1914 et ses causes» traduziremos o preambulo e o primeiro capitulo da primeira parte, «O Ministerio da Guerra», de uma eloquencia irrecusavel:

Na louvavel intenção de tornar patente uma verdade, aliás bem evidente, e que dispensa demonstrações, a nossa imprensa não cessou de repetir, no decurso de quatro annos de guerra, que a Alemanha nos surpreendeu em pleno estado de paz perpetua, obrigando-nos a uma guerra para a qual não nos havíamos preparado. Tanto ler essas tolices a multidão acabou por dar-lhes credito. A verdade, entretanto, é que, desde 1871, a França fez, para se preparar contra a potencia de rapinagem que era a Alemanha, todo o esforço humanamente possível. Dado o seu detestavel regimen politico, e sendo por um estado social inquietador. E si a guerra de surpreendente, não será que em si o nosso organismo militar tenha apresentado todos os pontos fracos que vou enumerar. Mas, muito ao contrario, que, depois de meio século de odios de classes, atizados por politica sem pudor, tenhamos podido alinhar um

exercito que se revelou superior a todos os exercitos da Europa, excepto o allemão. Durante o terrivel progresso dos armamentos que assignalou o fim do seculo XIX e o começo do seculo XX, não estivemos distanciados senão — e pouco — de um unico paiz, ao qual uma estrutura social muito solida, o genio de organização e uma população quasi dupla da nossa proporcionavam vantagens formidaveis. O resultado que obtivemos, para honra de nossa raça, era tão impossivel que ninguem na Europa o suspeitava. O injusto descredito em que finhamos cahido foi uma das causas remotas da guerra.

Existe na França um partido cujos tres caracteristicos são o de ser pouco numeroso, honesto e de intelligencia mediana, politicamente falando. Disfarçam-n'o com o nome de «conservadores», ainda que, em verdade, se pergunte o que pôde elle ainda ter a conservar.

Seus representantes no Parlamento, conforme tenham seus assentos um pouco mais ou um pouco menos á direita, não perdem occasião de invectivar contra a Republica ou simplesmente contra os ministros em exercicio. Julgam ter descoberto o segredo de nossas fraquezas e cortar o mal pela raiz, apegando-se á fórmula de governo ou á maneira mesquinha segundo a qual é elle exercido. Um velho adagio, profundamente verdadeiro, diz, porém, que todo povo tem sempre o governo que merece. E é preciso que a trivialidade da socialogia seja tão completamente ignorada, como ainda o é, para que se veja attribuir tanta impertancia ao rotulo monarchia ou republica. Assim como um corcunda não faz desapparecer sua corcova pelo facto de vestir uma sobrecasaca em vez de um jaquetão, assim também um povo não cura seus males sociais adaptando a fórmula monarchica. Quando se não sabe do dominio da theoria, pôde-se pretender que esta fórmula apresente vantagens indiscutíveis sobre a republicana.

Mas tal se daria sob a condição expressa de tratar-se de uma dynastia que tivesse conservado no paiz affeições profundas ou, pelo menos, prestigio. No caso contrario o beneficio da fórmula monarchica torna-se inteiramente aleatorio.

É muito mais razoavel apegar-se ao proprio principio da democracia, tal como é comprehendida entre nós e na maioria dos paizes latinos. Mas é necessario que se evite de tomar aqui o effeito pela causa.

A menos que desprezemos os mais claros ensinamentos da historia, devemos convir que toda nação que attinge uma certa idade chega ao estado democratico.

Existe ali um phenomeno social tão fatal como a appareição dos cabellos grisalhos na cabeça de um homem de cincoenta annos e contra o qual seria pueril insurgir-se. Os bons observadores não tinham esperado a derrota dos Allemaes e sua revolução de 1918 para constatar que a Alemanha se democratisava. A victoria de 1870 dêra-lhe a grande riqueza; ora, a grande riqueza, acarretando a procura apaixonada do bem estar e, concomitantemente a diminuição do sentimento religioso, preludia o advento da democracia.

O impulso democratico é mais ou menos rapido, conforme o temperamento do povo e o desenvolvimento da sua riqueza. Elle foi particularmente violento na França, por causa do nosso caracter naturalmente indisciplinado e de



uma enorme riqueza adquirida. A estas causas convém acrescentar a carencia daquelles que Le Play denominava «autoridades moraes» e a influencia deletéria dos intellectuaes de todos os pollos, que a partir do seculo XVIII tudo fizeram para deschristianisar os pequenos burguezes, os proletarios e os camponezes. Feito este mal immenso, os politicos encontraram o caldo da cultura apropriado para seu crescimento. Supprimindo o frei religioso, os politicos desmoralisados pelas condições de existencia, ás quaes os condemnou a grande industria, e os camponezes, sedentos de igualdade, tornaram-se sua preza. O paiz estava maduro para a luta de classes e para manejos demagogicos. Como consequencia, a partir de 1848, o regimen democratico latino installou-se definitivamente na França, isto é, o nosso governo tornou-se alternativamente anarchico e cesariano.

Julgar que se remediará o mal mudando a fachada das nossas instituições politicas, equivale a querer curar uma ictericia pintando de carmin o rosto do paciente. A solução só poderá provir de uma reforma moral, da resurreição do espirito christão, da restauração da familia, constantemente sacrificada ao individuo pelos nossos legisladores, devendo o conjunto de tudo isto produzir a paz social.

E' por não ter conhecido esta paz social, de 1870 a 1914, que a França entrou tão mal preparada para a guerra exterior. (1)

#### O Ministerio da Guerra

De 1870 a 1914, no espaço de quarenta e tres annos, o ministerio da Guerra mudou *quarenta e uma* vezes de titular. Isto constituirá a vergonha do regimen. Trinta e oito personagens differentes ahi se succederam, poucos dos quaes como dignos do cargo. Podemos perguntar si os outros seriam culpados por terem assumido tal cargo ou si eram simplesmente inconscientes. Acreditariam na guerra ou não? Supponho que a maioria delles era bastante intelligente para prever que ella estalaria mais cedo ou mais tarde, mas que estavam ao mesmo tempo persuadidos de que, salvo uma desventura extraordinaria, teriam tempo de ser derrubados antes da hora solemne da mobilisação e que, consequentemente, bem tolos teriam sido, em face de uma eventualidade terrivel, porém muito hypothetica, si não aceitassem a pasta da Guerra com a mesma indifferença com que aceitariam a dos Trabalhos Publicos ou a da Agricultura. A rua Saint-Domingue é uma villegiatura invejavel quando ahi se não permanece muito tempo, porque o poder que ahi se exerce é enorme. Quanto á responsabilidade ministerial, que é a base da nossa Constituição, não convem encara-la pelo seu aspecto tragico. O peor que poderia acontecer consistia em ser exonerado após uma ordem

(1) E' bastante divertido ouvir dizer que o resultado da guerra mundial foi o triumpho das democracias e prova a excellencia do seu regimen. Deveriamos, porém, lembrar-nos que foram necessários mais de quatro annos de guerra e a mais formidavel das collisões para dar cabo da Alemanha, que não tinha a seu lado senão potencias de segunda e tesceira ordem; não esquecer que no decurso desta guerra estivemos varias vezes em perigo de morte e que, si a America não tivesse, afinal, lançado seu peso formidavel na balança, os acontecimentos talvez tivessem tomado outro rumo.

do dia desfavoravel, e a regra do jogo consistia em mostrar-se o successor sempre cheio de indulgencia para com aquelle que o precedeu na carreira. Assim se explica que, salvo muito raras excepções, uma mentalidade de «touristes» tendo sido a dos ministros de quem as leis e os regulamentos militares faziam os chefes do exercito.

Esta observação é tão verdadeira para os generaes como para os civis que foram ministros da Guerra. De resto os primeiros, sobretudo nos quinze annos que precederam a guerra, brilharam. Escolhidos na sua maioria entre officiaes generaes de segunda ordem, levados a poder por amizades politicas, mostravam-se ainda mais docéis ás injunções dos partidos de extrema esquerda do que os ministros civis periclitantes ao Parlamento, chefes de grupos parlamentares, e por isso mesmo possuidores de certa notoriedade sobre os seus collegas.

Este estado de espirito explica a pouca resistencia que o ministro oppunha, seja ás exigencias dos parlamentares, seja aos pedidos imperativos de seu collega das Finanças, por a compressão do orçamento da Guerra.

Estes pedidos, nos annos que precederam a guerra, tornaram-se cada vez mais instantes por causa dos embaraços financeiros em que nos lançaram as nossas experiencias sociais, por causa do vento de antimilitarismo que nos praga no paiz.

Faremos justiça, dizendo que a impotencia de um ministro muitas vezes incompetente, sempre ephemero, era ainda accrescida pela deploravel organização da Administração Central. Emquanto o ministro da Guerra alemão não tinha sinão quatro subordinados immediatos, o nosso deveria dirigir *quatorze* órgãos diferentes e independentes uns dos outros. A Administração Central apparecia, assim, como um monstro de quatorze cabeças, cada qual trabalhando por sua conta e cujos esforços o ministro era incapaz de coordenar. Nesta organização cahotica residia a verdadeira causa das discordancias, das lentidões da execução e do abundante papelorio que se assignalava perpetuamente, sem jámais remontar á raiz do mal.

Com o intuito de desembaraçar-se desta situação inextricavel, havia o ministro procurado um elemento centralizador para a apresentação do orçamento ás Camaras, e julgou ter-o encontrado na Directoria do Contrôle, que se tornou o intermediario entre a sua administração e o Parlamento e tinha, assim, adquirido uma verdadeira preponderancia. Abster-me-ei de attribuir um corpo em que se acham homens de muito alto valor, mas posso dizer que os erros cometidos na rua Saint-Domingue os atastavam completamente de suas attribuições.

Os contadores que, pelos termos da lei de 1882, tinham por missão exercer sua vigilancia sobre o emprego dos fundos postos á disposição do ministro, tornaram-se em realidade distribuidores destes fundos, reduzindo a picellas pedidas pelos serviços e não podendo nunca faz-lo com conhecimento de causa, visto como não eram a emanção do commando.

Muitas vezes eram regeitados creditos de primeira necessidade para a despeza nacional, enquanto eram concedidos outros, pouco justificados. A historia dos nossos orçamentos militares anteriores á guerra é lamentavel.

*Continúa*